

fundamentos



O NA AMERICA

cre" Miroel Silveira

SANGRENTA

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

E ARTE MODERNA



FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

INDICE

...

Editorial — Atualidade de Da Vinci <i>Vilanova Artigas</i>	3
Tomo minha posição — W. E. Du <i>Bois</i>	5
O negro, poema — <i>Langston Hughes</i>	7
Paul Robeson	8
Fascismo na América — <i>Albert Kahn</i>	7
Mario de Andrade e o Modernismo <i>F. Pedreira</i>	11
O Movimento Modernista — <i>Mario</i> <i>de Andrade</i>	12
Um livro destoante — <i>Afonso Schmidt</i>	13
Euclides da Cunha Socialista — <i>Gonçalves Machado</i>	14
A missão dos poetas — <i>J. Almansur</i> <i>Haddad</i>	16
Terra Sangrenta — <i>R. Camargo</i> <i>Guarnieri</i>	18
Maria Rosa Oliver e a cultura argen- tina — <i>Jaime Martins</i>	21
Siqueiros e a pintura mexicana — <i>Jean Marcenac</i>	23
"Massacre" — <i>Miroel Silveira</i>	32
Duas entrevistas — <i>B. Pedraço</i>	30
Gotuzzo fala de Picasso	28
A herança científica de Pavlov — <i>J. B. Burza</i>	26

CONSELHO DE REDAÇÃO

Afonso Schmidt
Alvaro de Faria
Aparício Torelly
Artur Neves
Astrojildo Pereira
Bráulio Pedroso
Caio Prado Junior
Clovis Graciano
Edson Carneiro
Eduardo Sucupira Filho
Eunice Catunda
Fernando Henrique Cardoso
Fernando Pedreira
Fernando Segismundo
Gilberto de Andrada e Silva
Graciliano Ramos
Gonçalves Machado
José Eduardo Fernandes
José Menezes Campos
João Belline Burza
Luiz Enjolras Ventura
Léo Ribeiro de Moraes
Mário Schemberg
Moacyr Werneck de Castro
Omar Catunda
Rivadavia Mendonça
Rossine Camargo Guarnieri
Rui Barbosa Cardoso
Samuel Barnsley Pessoa
Vilanova Artigas
Walter Sampaio

DIRETOR RESPONSÁVEL

Rui Barbosa Cardoso

REDATOR CHEFE

Afonso Schmidt

FUNDAMENTOS não se responsabiliza
pelos conceitos emitidos em trabalhos
assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — Rua
Barão de Itapetininga, 275 — 9.º — Sala 96
São Paulo.

fundamentos

Carta ao leitor

Prezado leitor:

Este ano de 1952 deve marcar uma nova etapa na vida de FUNDAMENTOS. Através dos 26 números já publicados, que representam mais de três anos de trabalho quase ininterrupto, a nossa revista conquistou uma posição definida e destacada nos meios culturais de São Paulo e do Brasil.

Mas não é bastante. Pela sua qualidade, pelas idéias que defende e, principalmente, porque não é o órgão de um grupinho literário, de uma seita, FUNDAMENTOS deve alcançar uma repercussão bem maior ainda do que a que já possui, deve ser ainda melhor e mais ampla.

Os leitores devem ter notado nos últimos números o esforço do Comitê de Redação para melhorar o aspecto gráfico da revista, fazê-la de leitura mais agradável, aumentar o círculo dos colaboradores, torná-la mais informativa e mais leve.

Também a distribuição é ainda insuficiente. A tiragem atual, se é superior à média das revistas de cultura, está longe do que poderia ser alcançada com um mínimo de propaganda e um aparecimento mais pontual.

Tôdas estas melhorias, entretanto, só serão possíveis se baseadas numa organização mais sólida do ponto de vista financeiro. E, neste terreno, todo o esforço dos diretores da revista será inútil se não contarmos com o auxílio e o apoio dos leitores.

A campanha de assinaturas que lançamos como base indispensável para o progresso de FUNDAMENTOS está nas mãos dos que nos lêem.

O que assegura a vida de uma revista como a nossa são os seus assinantes. São eles que dão a medida real de sua audiência, de sua repercussão. Aos que comprem todos os meses a nossa revista, pedimos encarecidamente que se tornem assinantes. E que façam dos seus amigos, de cada um dos seus amigos, um novo assinante. Assim os leitores de FUNDAMENTOS constituirão, eles mesmos, a rede de sustentação e de distribuição que tornará a nossa revista mais firme e independente do que nunca.

leia

assine

divulgue

fundamentos

ATUALIDADE DE DA VINCI

VILANOVA ARTIGAS

«O artista é filho e não neto da natureza»...

«Leonardo da Vinci foi um vencido? (a failure?) Alguns de seus contemporâneos julgavam-no como tal e Leonardo tristemente concordava com eles».

Assim se prepara um importante semanário americano (TIME) para as comemorações, no próximo mês, do quinto centenário de nascimento de

quem foi, sem favor, uma das maiores figuras da história, ao tecer considerações em torno de um livro sobre da Vinci (Leonardo da Vinci — Antonina Vallentin). Por todos os meios procura apresentar o grande gênio do renascimento como um miserável sofredor, um falido, um inconformado cheio de vícios, aos quais se teria deixado levar já desencantado pela incansável maldade e má fé de seus seme-

lhantes — um resumo enfim do tipo de homem ao gosto da decadência imperialista americana, interessada em disseminar o pessimismo e o desânimo que justifiquem, não só os protótipos da decadência que proliferam na pátria do imperialismo como também o afrouxamento entre os homens da resistência contra os desgnios sinistros dos grandes trustes forjadores de guerra. Prossegue a definição de Leonardo: filho ilegítimo de uma camponesa e um notário de vilarejo, durante 11 anos na casa do pai que o criou depois de certa idade, relata a revista, sempre no mesmo tom amargo e pessimista, o rapaz nada mais foi do que uma boca extra à mesa. Inegavelmente uma inteligência sobrenatural, em poucos meses aprendeu tudo o que o grande Verrochio podia ensinar-lhe sobre pintura e o florentino Paulo Toscanelli sobre ciência. Mas o rapaz, um semideus, belo tipo de homem, forte bastante para quebrar ferraduras com as mãos nuas, era suspeito de sodomia! Se se dedicou ao estudo e à especulação científica teria sido para «afogar sua grande inquietude e maior infelicidade». Tom característico já da opinião decadente americana a respeito das grandes figuras do passado, das conquistas da história, e do progresso da humanidade; uma justificação para o apodrecimento da sociedade capitalista. Se o Departamento de Estado americano é um antro de homossexuais — descoberta do próprio FBI — se a constante é a descrença, o desânimo, a falência a frustração, causadas por uma sociedade em declínio, que é preciso sustentar por que dá lucros, trata-se de encontrar, no passado, mesmo na vida exemplar de um gênio como Da Vinci, a prova de que tudo sempre foi assim, o desespero é uma constante mesmo do gênero humano.

Que o espírito da decadência é altamente lucrativo para os grandes capitalistas não há dúvida. Ajuda-os a manter-se no domínio da humanidade por mais alguns anos, ajuda-os a amortecer os protestos contra a propaganda de guerra que fazem sistematicamente, ajuda-os a continuar iludindo; mentindo como mentem sobre da Vinci.

A realidade é outra.

Todo este panorama de desânimo nada mais é do que a decadência de uma classe. Na realidade, os povos não se deixarão levar a uma nova guerra, assim como a Gioconda, sem necessidade de nenhuma verificação estatística é a mais conhecida de todas as obras de arte — é a definição da pintura, e Leonardo um gênio do bem, do progresso humano.

Denegrir a mensagem de Da Vinci?

Que ele tivesse sido uma decepção? Que seus contemporâneos assim o julgassem?

«Os céus com frequência se desfa-



zem em riquíssima dádivas aos seres humanos, naturalmente, mas às vezes, com uma abundância estravagante vertem sobre uma só pessoa beleza, graça e capacidade tais que qualquer das suas ações é tão divina que se distancia de todos os homens mostrando claramente como o seu gênio é graça de Deus e não resultado da capacidade humana».

Assim começa um contemporâneo, Giorgio Vasari (1511-1574), o relato sobre a vida e a obra de Da Vinci; e se alguns, como Michelangelo e Rafael, julgando um erro roubar tempo à pintura, chegaram a criticá-lo acerbamente, não seria porque não estimassem o seu valor mas por serem eles próprios incapazes de compreender em toda a sua profundidade, até onde o realismo da obra de Leonardo o estava levando, num processo de penetração cada vez maior da pesquisa, a interessar-se por todos os fenômenos da natureza.

Dizia Leonardo, que soube, partindo da necessidade de exprimir-se como pintor, investigar a natureza toda, desde a anatomia à matemática, para voltar sempre aos pincéis e às telas numa demonstração prática particularmente importante para o artista de nossos tempos, sobre o método de criação artística.

«Um bom pintor tem dois objetos para representar: o homem e as intenções de sua alma. A primeira é tarefa simples, a segunda difficilima, porque ele deve conseguir isto (figurar isto) por meio de atitudes e movimentos dos membros».

Bela lição de realismo.

Michelangelo e Rafael, grandes homens eles também, não o foram o bastante para abraçarem a majestosa significação da obra que assistiam nascer. Só a ciência moderna no seu desenvolvimento de cinco séculos vem avaliando por etapas a seriedade e o valor das observações experimentais de Leonardo, não pelos resultados finais que tivesse conseguido mas pela genial previsão dos caminhos por onde seguiria o gênio humano. Precursor de Bacon, Watt, Newton e tantos quantos a humanidade preza como pontos singulares na rota do progresso, sua importância é tamanha que «cada idade se associa a um dos aspectos de sua prodigiosa atividade».

Insiste o biógrafo americano em sustentar a falência de Leonardo. «Mesmo quando virava a atenção para a arte, o quadro frequentemente desaparecia, tal a sua paixão inventiva»... de maneira que... «de todos os seus quadros, somente dois ou três restaram relativamente intactos»...

...«o grande mural sobre a batalha de Anghiari perdeu-se completamente por causa de uma tinta de experiência que no final dissolveu-se».

A batalha de Anghiari! Cabe hoje aos representantes do imperialismo e da decadência burguesa herdarem e exhibir o mesmo objetivismo estreito dos primeiros críticos de Leonardo, porém sem a sua ingenuidade, e agora para servirem designios macabros.

A batalha de Anghiari! Se a pintura arruinou-se em consequência da audácia enorme do espírito genial, ficaram nos manuscritos de Da Vinci não só a descrição do quadro, os estudos que custou realizá-lo, mas também o relato da importância de seu signifi-

cado, toda a opinião do gênio sobre a guerra em geral!

O que Leonardo pensava sobre a guerra? Não pode haver duas opiniões a respeito. Considerada a época em que viveu, cheia de intrigas e misérias, época de afirmação de uma classe que ainda procurava meios de se exprimir, Sforzas que assassinavam Medicis, Borgias e mercenários suíços de mistura com o fausto incestuoso do papado; cidades que lutavam entre si e com o francês invasor, tudo forrado e determinado por grandes negociações e grandes lucros em dinheiro, é compreensível que tivesse por vezes considerado a guerra uma «necessidade bárbara» e que tivesse inventado instrumentos para seus fins sinistros; mas é inegável que não se iludiu quanto à sua natureza — «bestialíssima pazzia» loucura bestial.

«Em suas descrições da guerra» (diz um dos biógrafos de Leonardo — Louise Servicen) «sopra o mesmo espírito de Tolstoi e Verestchaguine» quando procura tornar a guerra impossível exibindo-a em toda a sua monstruosidade, despida da pompa e da cerimônia lúgubre que se faz acompanhar, com toda a sua realidade odiosa e brutal.

«... que não haja um pedaço de chão (no quadro) onde não se descubram impressões de passos sangrentos» — assim descreve ele mesmo o seu quadro sobre Anghiari; e para que a guerra apareça com a sua verdadeira face.

... «fazer os mortos meio enterrados alguns, outros com terra misturada ao sangue que vai escorrendo e se transformando em lama carmesim... Mostrar outros na agonia da morte rangendo os dentes e revolvendo os olhos, com as pernas retorcidas e os punhos cerrados voltados contra os corpos».

Nisto especialmente o gênio nos pertence, é um homem da nossa época. É a herança de Leonardo, «encarnação das tendências intelectuais da renascença» que nos cabe defender, que passa às nossas mãos. Mais do que nunca, a guerra ameaça a humanidade. Quando o espírito humano está próximo de proscrivê-la como processo de resolver as pendências entre os homens, com mais violência e mais ferocidade ameaça destruir todas as conquistas do gênero humano, carregada agora por uma classe em decadência.

Leonardo nos pertence, pertence à humanidade progressista.

LUNARDO VINCI

O FLORENTINO

EXTRAÍDO DE VOYAGE DU CARDINAL
LUIS D'ARAYON A TRAVERS L'ALLEMAGNE,
LES PAYS-BAS, LA FRANCE ET L'ITALIE
DU NORD (1517-1518), ESCRITO POR
ANTONIO DE BREATIS

“10 de outubro de 1517.

“Numa parte isolada do castelo (d'Amboise), monsenhor e nós fomos ver “mes- ser LUNARDO VINCI o Florentino... Este gentil-ho- mem escreveu sobre anatô- mia com grande luxo de de- talhes, mostrando por meio de ilustrações separadamen- te os músculos, os nervos, veias e ligamentos das par- tes internas, e tudo o que pode ser visto no corpo dos homens e das mulheres, du-

ma maneira que não tinha sido igualada ainda por nin- guém. E isto nós vimos com nossos olhos, e ele nos disse que tinha dissecado mais de trinta corpos de homens e mulheres de todas as idades. Ele fez estudos também so- bre a natureza da água, de diversas máquinas e outras matérias que consignou em inúmeros volumes — tudo isto em língua vulgar — os quais, se forem publicados, serão aproveitáveis, e de grande aprovação.”

"TOMO MINHA POSIÇÃO"

W. E. DU BOIS

Toda a humanidade recente ficou conhecida quando os tribunais do governo Truman acusaram o Dr. Du Bois de "agente estrangeiro".

"Um dos acontecimentos mais vergonhosos na sórdida história do império norte-americano, dizem os escritores de 'MASSES e MAINSTREAM' 'ver-se o decano da literatura norte americana, aos 83 anos de idade, ser revistado, algemado e destrutado.'"

As declarações que se seguem, anteriores ao processo, foram a causa das perseguições.

O mundo está atônito diante dos recentes acontecimentos nos E. E. U. Nossas ações e atitudes são discutidas com ar de espanto nas ruas de todas as cidades do mundo. O mundo começa resolutamente a acreditar que, na realidade desejamos a guerra, que precisamos de guerra, que só conseguiremos conservar nossos trabalhadores empregados e manter os mais altos lucros através de um gasto de 70 bilhões de dólares por ano para a preparação de guerra, aumentado a enorme dívida interna de mais de 200 bilhões de dólares, causadas principalmente pelas guerras do passado.

Nossas atuais despesas de guerra têm de ser maiores ainda, mas não podemos aumentar muito mais os impostos dos ricos porque a maioria dos advogados que fazem as leis também sabem como transgredir e como fazer com que a maior parte da riqueza não pague impostos. Não podemos aumentar muito mais os impostos sobre os pobres porque os preços crescentes deixam cada vez menos para ser taxado. Cidadãos diversos já tornaram emprestado mais de 200 bilhões de dólares, dando como garantia seus próprios lares, fazendas, mobílias, e as classes pobre e média já gastaram quase todas as suas economias. Entretanto, não podemos parar; ou gastamos mais e mais, além do que já estamos gastando, ou toda a nossa organização industrial, com seus bilhões de lucro monopolista, estará diante de um colapso.

Por outro lado, a União Soviética, a quem juramos destruir, não parece no momento disposta a lutar. Nós a advertimos e provocamos publicamente; particularmente, a temos insultado. Estamos dispostos a veicular todas as acusações que qualquer pessoa, em qualquer ocasião queira fazer contra a URSS ou contra sua economia, sua moral, seus planos. Chegamos a pensar que, finalmente, na Coreia a tivéssemos forçado a aceitar a luta e nos preparamos pressurosos para a III-Guerra Mundial com gritos de alegria.

Estávamos certos de que os russos tinham iniciado o levantamento coreano, estavam fornecendo armas e prontos para marchar para a guerra. Henry Wallace viu-os nesta ocasião e voltou correndo tão apressado, que tropeçou em suas próprias opiniões e distribuiu encontrões nos próprios amigos. Ainda assim os soviéticos não lutaram. Muito pelo contrário,



O prof. Du Bois com um grupo de estudantes

Nos Estados Unidos não se pode falar de desenvolvimento intelectual no Século XX sem mencionar o nome do Dr. William Burghart Du Bois. No curso dos últimos sessenta anos, este gigante da ciência e do humanismo se identificou completamente com o progresso intelectual democrático e com a luta do povo negro dos Estados Unidos pela libertação e pela igualdade. Com a idade de 83 anos, idade que contrasta com seu andar decidido, sua voz clara e forte e seu espírito constantemente ativo, o dr. Du Bois aparece como o decano da literatura negra e como uma destacada personalidade da vida intelectual norte-americana.

Além de ser uma notável personalidade em ciências sociais, o dr. Du Bois é um dos grandes mestres da língua inglesa. Seus ensaios e sua poesia enriqueceram a literatura americana com a beleza da expressão popular dos negros norte-americanos. Paul Roberson fala nestes termos do livro do dr. Du Bois intitulado: "As almas do povo negro": "Como adoro abandonar-me a esses belíssimos ritmos, aurir esperança e coragem destas linhas que tão fielmente refletem o estilo de nosso povo, realçadas e enriquecidas pelo dom artístico deste sensível profeta!"

Cada ano que passava reforçava sua compreensão e sua determinação de lutar pelos interesses do povo e é a lógica consequência de sua vida a que o levou nestes últimos anos às primeiras linhas do movimento mundial pela paz. Como membro do Conselho Mundial pela Paz, trabalhou sem descanso para organizar um potente e amplo movimento pela paz nos Estados Unidos.

Seu ativo esforço em favor da paz levou o dr. Du Bois a presidência do Centro de Informação da Paz, organização constituída para difundir e coordenar as informa-

ções e o material sobre as atividades em favor da paz em todo o mundo. Esta organização popularizou os apelos dos Quakers e da Cruz Vermelha Internacional e pôs em circulação o Apelo de Stocolmo pela proibição da bomba atômica. E' por esta ultima atividade que o dr. Du Bois e seus colaboradores receberam a ordem de se registrar como "agentes de uma potência estrangeira sob pretexto de que vários governos estrangeiros haviam apoiado o referido apelo. Realmente, isto constituía uma tentativa para destruir dos Estados Unidos a palavra PAZ como subversiva e estrangeira. Evidentemente, os dirigentes do Serviço de Informação da Paz se negaram a se registrar, desbaratando assim os planos do governo. Por esta tentativa foram levados aos tribunais e sujeitos a ameaça de serem condenados a cinco anos de prisão.

O povo amante da paz dos Estados Unidos viu neste ataque uma tríplice ameaça. Em primeiro lugar era um ataque contra todos os que trabalham em favor da paz, estigmatizando-os como "agentes estrangeiros" e "não americanos". Em segundo lugar constituía um ataque premeditado contra o povo negro por sua grande participação no movimento pela paz. Para o povo negro ressaltava claramente que o propósito criminal que escondia esta tentativa de condenar a um homem de 83 anos a uma pena de cinco anos de prisão era um aspecto da impiedável opressão contra o povo negro, que custou a vida de Willie Macgee e os sete de Martinsville. E finalmente, este ataque contra um professor tão eminente marca a nova etapa da campanha já muito avançada que tende privar os estudantes e professores de seu direito de realizar atividades em favor da paz.

começaram a pedir paz para o mundo, a união contra a bomba atômica, congressos de paz. Mas os Estados Unidos não se deixaram iludir. Era só o que faltava! Proibiram os apelos pela paz, ca-

garam e prenderam os que advogam a paz. Baniram de nossas costas todos os estrangeiros partidários da paz, pessoas de mais alta reputação.

Representantes oficiais, altamente res-

pós-aveis e patentes militares declararam abertamente que se os russos não nos atacassem nos os atacariamos para evitar um ataque de parte deles. "O Selvagem de Tóquio", que há de se lembrar ter atirado contra veteranos da primeira guerra mundial em Washington e que está transformando a Coréia num deserto horrível, conferenciou com o presidente dos Estados Unidos. Se se deixa Mac Arthur fazer o que quer, qualquer coisa que eles tenham combinado, só poderá ter como resultado tudo menos a paz; até que tomemos a China, conquistemos o sudoeste da Ásia e lancemos bombas atômicas sobre Moscou. Enquanto isso, lévas e lévas de nossos rapazes estão sendo treinados para o crime, e o Congresso está na eminência de convocar todos os jovens deste país para o mesmo fim.

Eis como a Europa nos vê preparados para tudo o que contradiz o que sempre temos professado — liberdade de pensamento e palavra, verdade e justiça. A isso nossos líderes nos conduzirão, a menos que protestemos: a menos que aqui, e agora, todos, o povo dos Estados Unidos, diga Não! Basta de histeria, de loucura!

Nenhum americano nascido antes de 1900 haveria de conceber que os Estados Unidos poderia se transformar num país que se encaminha para instituir o serviço militar universal e obrigatório; com suas forças armadas em todos os continentes e em todos os mares; empenhados em conquistar e submeter massas humanas, impor pensamentos e credos a outras nações do mundo e pronto para esbanjar, afim de atingir estes desígnios, mais dinheiro do que já gastou em qualquer ocasião com a religião, a educação e os melhoramentos sociais.

Quando alguns homens se levantam e dizem e provam estas verdades, a polícia secreta, espiões oficiais e traidores de aluguel fazem todos os esforços possíveis, mediante a subversão deliberada de princípios fundamentais de nossa lei, para prender, caluniar e reduzir ao silêncio estes homens, privá-los do direito de um meio honesto de ganhar a vida.

Por isso, desta tribuna, tribuna de todo o americano honesto que ousa acre-

dição firme contra a guerra e a escravidão. Houve época em que muitos acreditávamos que o progresso dependia da guerra; que através da guerra, e somente por meio dela os homens modernos conseguiram liberdade, sentimento religioso e democracia. Acreditamos nisso porque fomos ensinados pela nossa literatura e pela ciência, na igreja e na escola, nas tribunas e na imprensa. Eis uma grande mentira; e a proporção que a guerra foi se tornando universal, mais horrível, cada vez mais destruidora, reconhecida por todos como um crime, um aleijão, uma insanidade, a destruição total da cultura humana, pudemos verificar que dificilmente houve uma conquista atribuída à guerra que a humanidade não tivesse podido atingir de maneira menos custosa, mais recente e mais completa com o emprego de métodos pacíficos. Hoje isto tudo é tão claro e indiscutível que ninguém em sã consciência haveria de negá-lo. Além do mais, de todas as nações do mundo somente os Estados Unidos desejam a guerra, preparam-se para a guerra, induzem outras nações a lutar e nos pedem, a mim e a vós, que nos reduzamos a miséria, que renunciemos ao nosso bem-estar e nossas escolas sacrifiquemos nossos filhos e filhas num exército onde predomina o preconceito racial e façamos um suicídio em massa, tudo por uma guerra mundial, que ninguém deseja, a não ser o americanos ricos que dela tiram grandes lucros.

Se a guerra fosse matéria para estudo cuidadoso e decisão grave, concentrado pensamento de deliberação solene, poderíamos considerar sua brutal eclosão pelo menos como erro humano, que em pouco haveria de ser corrigido pela decência e pelo bom senso. Mas, tivemos nós em alguma ocasião oportunidade de opinar como voto sobre a guerra?

O que tememos? Fomos invadidos? Alguém lançou a bomba atômica sobre nós? Fomos pilhados ou escravizados por estrangeiros? Nossos negócios estão indo à falência e desaparecem nossos milionários? Diminuiu a taxa dos lucros? Nossa indústria atrasou-se ou nossos recursos naturais foram destruídos por ini-

migos? Há algum sinal de que os Estados Unidos da América é vítima ou poderá vir a ser vítima de um país estrangeiro? Não! Então, o que tememos e porque estamos nos esforçando para pilhcar a terra, do Pacífico ao Atlântico, do Polo Norte ao Polo Sul, a não ser que seja medo de nós mesmos?

Nossos líderes estão com medo de uma "Idéia"; tentando pela visão de um poder que esta "Idéia" combate. O poder que eles desejam ansiosamente, já por muito tempo explorou e assassinou os povos da Europa e da Ásia e, agora, insidiosamente insinuou-se em suas cabeças enlouquecidas pela febre dominadora; trata-se do Imperialismo — dominação do mundo. Já uma vez foi tentada com a escravidão negra; depois tornou-se mais fácil explorando-se o coolie amarelo depois serviram-se de todas as "raças menores e sem lei" que pudessem executar o que era "a carga do branco"; o qual passa a exibir sua dominação pelo mundo afora, na Ásia e na África, dominar e dominar, sem ver o fim, sempre e sempre. Esta era a visão do século XIX. A febre imperialista contaminou os Estados Unidos no fim do último século; surrupiamos algumas ilhas da Espanha agonizante. Foram sucessos muito pequenos porém, que só serviram para nos aguçar o apetite. Com a primeira guerra mundial nasceu a quimera de um Estados Unidos Imperial como sucessor do Império onde o sol já tem o seu ocaso. Corremos tão afôitos sobre os restos deixados pelo imperialismo europeu, que derubamos todo o nosso sistema industrial ao nível da miséria.

Poderia aparecer que a recordação da grande crise de 29 chegaria para convencer todo cristão honesto de que a guerra não é o caminho para o milênio e também que nós precisamos reformar nosso sistema de trabalho e nossa organização industrial antes de pretendemos ensinar ao mundo o que pensar e como viver.

Se amanhã a Rússia desaparecesse da face do globo, o problema fundamental que o mundo moderno enfrenta não se modificaria; o problema seguinte: porque é que, com a abundância que conhecemos, com o domínio que temos das forças naturais e da técnica milagrosa, com um comércio que abraça todo o globo, e mercadorias e benefícios surgindo de todas as oficinas, fábricas, navios e depósitos — porque é que, apesar de tudo, a maior parte da humanidade está perecendo de fome, aniquilada por moléstias perfeitamente evitáveis, porém, ignorante ainda para sabê-lo, enquanto uma pequena minoria é tão rica que não consegue gastar o que ganha? Este é um problema que o mundo enfrenta e a Rússia não foi a primeira a propô-lo nem será a última a pedir e exigir solução. O século XIX afirma tratar-se de uma situação inevitável, que continuará sempre a mesma, pois é devida a natural inferioridade da maior parte dos homens. O século XX sabe mais. Diz que é possível existir alimento suficiente para todos; que para a maior parte das doenças há prevenção e que todos os seres humanos podem ser instruídos; que a inteligência, são só realmente possíveis, mas devem ser exigidos por todos os homens, planificado por todos os Estados e tornado cada vez mais possível por todos os eleitores.

Agressão a trabalhadores negros nos Estados Unidos



Mas os poderosos que hoje possuem a terra e, portanto, abundância; que monopolizam a indústria e possuem a imprensa, o cinema e as informações, têm uma resposta diferente. Eles nos ordenam que combatamos uma "Idéia"; proibir, esmagar qualquer sonho de abolir a pobreza, a doença, a ignorância e fazer isso desencadeando a guerra, o crime e a destruição de todo povo que ouse aplicar os planos de abundância para a humanidade. De dentro do século XIX, tentam reviver o imperialismo para iludir trabalhadores e homens de pensamento dos mais poderosos países por meio de altos salários e privilégios, afim de basear uma prosperidade falsa e desonesta, sobre escravidão e a degradação, sobre os salários de fome e as doenças, a custa da África, da Ásia e de todas as ilhas do oceano; e para pagar o preço disto tudo exigem de vós, de vossas filhas e filhos, que em vidas intermináveis, se deixem assassinar e invalidar em guerras sem fim.

Esta é a razão por que estamos já combatendo ou nos preparando para combater na Europa, na Ásia ou na África — não contra um inimigo, mas contra a "Idéia" — contra a exigência cada vez mais enérgica da classe operária do mundo todo, de melhores salários, casas decentes, emprego regular, serviço médico e instrução para todos.

Não é resposta para esta reivindicação mundial, dizer que nós os americanos temos tudo em maior abundância do que o resto do mundo, se nossa prosperidade é baseada, ou procura seu fundamento na exploração e na degradação do resto da humanidade. Lembrai que o dinheiro americano é dono da maior parte das minas sul-africanas, operadas com trabalho escravo; é a iniciativa americana que se locupleta com o cobre da Rhodesia; são investimentos americanos que procuram dominar a China, a Índia, Coreia e Burma; que afogam os famintos trabalhadores do Oriente próximo.

E não está suficientemente claro que um tal programa é a mais completa loucura? Que nação alguma, por mais rica e audaz que seja, não pode conquistar o mundo? Não nos ensinaram isto o Egito, Assíria, Grécia, Roma e a Alemanha? E também não é verdade que, nenhuma Idéia, baseada na verdade e na justiça pode ser suprimida pela força e com o crime?

Nunca pensei que viveria até o dia de ver a liberdade de palavra e pensamento serem sufocados nos EEUU como o são hoje. Hoje, neste país, um país livre, nenhum homem tem segurança de ganhar sua vida, de escapar da calúnia e da violência, ou até de conservar-se em liberdade e não ser que pública e repetidamente declare:

- que odeia a Rússia.
- que é contra o Socialismo e o Comunismo.
- que é de todo coração a favor da guerra da Coreia.
- que está pronto a gastar qualquer quantia para outras guerras, em qualquer lugar e em qualquer ocasião.
- que está pronto para lutar contra a União Soviética, a China e qualquer outro país ou todos os países juntos.
- que acredita no uso da bomba atômica ou qualquer outra arma de destruição em massa, e considera todos os que se oponham a isso como traidores.

fundamentos

O NEGRO

LANGSTON HUGHES

SOU UM NEGRO:

NEGRO COMO NEGRA É A NOITE,
NEGRO COMO AS PROFUNDEZAS DE MINHA ÁFRICA

FUI ESCRAVO:

CESAR ORDENOU QUE EU LIMPASSE A SUA SOLEIRA.
ESCOVEI AS BOTAS DE WASHINGTON.

TENHO TRABALHADO:

MINHAS MÃOS FIZERAM SUBIR AS PIRÂMIDES.
MISTUREI CIMENTO PARA O EDIFÍCIO WOOLWORTH.

TENHO CANTADO:

DESDE A ÁFRICA ATÉ A GEORGIA.
TROUXE AS MINHAS CANÇÕES DE MAGOAS.
FIZ O JAZZ.

TENHO SIDO VÍTIMA:

OS BELGAS CORTARAM-ME AS MÃOS NO CONGO.
LINCHARAM-ME AGORA NO TEXAS.

SOU UM NEGRO:

NEGRO COMO NEGRA É A NOITE.
NEGRO COMO AS PROFUNDEZAS DE MINHA ÁFRICA.

— que ele não somente crê e consente todas estas cousas mas também está disposto a espionar os vizinhos e denunciá-los, se eles não acreditarem nas mesmas cousas, da mesma forma.

A simples exposição deste credo mostra sua absoluta estupidez. O que pode ser feito para trazer nossa pátria ao bom senso? Muita gente diz: Nada; ficar quieto, sentados; dobrar-se a tempestade; se necessário, mentir e aderir à inquisição; jurar a Deus que nunca simpatizou com a luta do camponês russo pela liberdade; que nunca pertenceu a uma organização liberal, ou mesmo teve um amigo que pertencesse, e se alguma destas cousas fez em qualquer época é porque foi enganado, iludido como um tolo rematado.

Eu desejo o progresso; Sou pela instrução, pela Socialização da medicina; desejo um salário que garanta a vida

e uma segurança para a velhice. Desejo de emprego para todos e ajuda para os desempregados e para os doentes; desejo obras públicas, serviços públicos e melhoramentos públicos. Desejo a liberdade para meu povo. E como eu sei e vós também sabeis que estas cousas não podemos tê-las ao mesmo tempo que lutamos, destruimos e matamos outros homens pelo mundo afora, para que os grandes negociantes aumentem seus lucros tremendo; por esta razão eu tomo minha posição ao lado dos milhões em todas as nações e continentes e grito — PAZ —

BASTA DE GUERRA!

Uma nova era de poder, mantido e exercido pela classe operária no mundo todo, está começando e, embora a forma de que ele se reveste esteja para se impôr, não há força humana que possa impedir seu sucesso final.



PAUL ROBESON

Paul Robeson nasceu em New Jersey, na cidade de Princeton. Ainda muito menino, aos seis anos de idade, perdera sua mãe. A austeridade de seu pai, ministro metodista, influiu bastante na formação de seu caráter. Jovem estudante ganha uma bolsa de estudos Rutgers. Na Universidade de Columbia faz um estudo intensivo e, em apenas dois anos de curso, forma-se em direito. Nessa Universidade não só é agraciado pela organização Phi Beta Kapa, como se revela um perfeito atleta, chegando a integrar a seleção nacional americana de futebol. Como universitário Robeson já é um talentoso orador, ganhando destaque pela eloquência de seus discursos e pela impressionante maneira de proferi-los. Por este tempo Robeson se inicia no teatro, tomando parte em algumas representações. Numa delas estava presente na platéia o famoso teatrólogo americano Eugene O'Neill, que levado por um incontido entusiasmo, não titubeia em convidar o inexperiente ator, para o principal papel de sua peça «Emperor Jones». Sua sensibilidade aliada à sua voz magistral, fatalmente, levariam-no ao sucesso. Em 1926, Paul Robeson é consagrado como um grande ator.

A primeira vez que cantou, entretanto foi num recital, em Nova York de lamentosas canções de negros os chamados «negro spirituals». Foi delirantemente aplaudido. O próprio Robeson ficou surpreso com o sucesso obtido. Daí para o futuro os êxitos seriam inumeráveis. Logo após realiza uma tournée pela Europa. De volta, é recebido entusiasticamente no Carnegie Hall. Era a sua consagração definitiva. Mas Robeson não se deixa levar pelo acolhimento da crítica e do mundo oficial. Passa a percorrer o país de ponta a ponta, cantando em teatros modestos, a preços populares. Levava sua arte ao povo.

Em 1930 retorna ao palco interpretando o «Otelo» de Shakespeare, na própria Inglaterra. Depois desta temporada nos palcos londrinos, Robeson viaja para a União Soviética. Na pátria dos trabalhadores toma um contacto vivo com o socialismo. A nova educação soviética, sadia e abrindo todas as perspectivas futuras, levava-o a chamar sua família. Seu filho Paul passa a ser educado no país do socialismo. Robeson realiza uma série de recitais através das repúblicas soviéticas, chegando até mesmo a cantar em russo sem o mínimo sotaque. Quando regressa a Moscou encontra seu filho completamente mudado, não é mais aquela criança introspectiva, atormentada em sua sensibilidade infantil pelas discriminações raciais. E' — como ele disse — «uma criança de face ardente e sorriso fácil».

Volta a seu país. E' contratado para filmar em Hollywood. Seu filme de estréia foi «Sanders of river». A figura de Robeson ganha realce na tela, é um tipo e um grande ator cinematográfico. Outros filmes se sucedem e entre eles o famoso «Minas do rei Salomão».

Hoje, Robeson não canta mais no Carnegie Hall; as portas dos estúdios de Hollywood estão fechadas para ele. E' que Robeson representa os anseios democráticos do povo americano e sobretudo, porque é um ardente defensor da paz. O mundo inteiro está a par das barbaridades cometidas pela polícia americana nas audições e comícios de Paul Robeson. Truman o persegue. Sua vida corre perigo. Mas não será o terror policial que o fará silenciar. Robeson acredita no futuro e isto o torna inabalável.

B. P.

FASCISMO

(Reproduzimos aqui o trecho do livro «High Treason» do escritor americano Albert E. Kahn, referente aos acontecimentos de agosto de 1949 em Peekskill, U.S.A., que revelam um aspecto pouco divulgado dos Estados Unidos).

Dez anos antes do processo dos líderes comunistas americanos, Eugen Hadamovski, chefe da rádio nazista e auxiliar de Goebbels, escrevia: «A propaganda e a força nunca foram antíteses absolutas; o uso da força pode fazer parte da propaganda. Entre elas há todo um escalão de meios para exercer influência: da persuasão gentil à propaganda selvagem de massa, da organização de recrutas à organização de instituições estatais e para-estatais, do terror individual ao terror em massa...»

No verão de 1949, quando a propaganda anti-comunista na América chegava às raias do delírio, ocorreu um acontecimento que abalaria o mundo e parece exemplificar a tese de Eugen Hadamovski.

Enquanto os doze líderes comunistas estavam em julgamento na Suprema Corte de Nova York, por pretensa propaganda em favor da força e da violência contra o Governo, os verdadeiros expoentes da força e da violência na América entravam em ação a pouco menos de 50 milhas de distância.

Um concerto de Paul Robeson foi anunciado para a noite de sábado de 27 de agosto de 1949 nos parques de Lakeland Acres, perto da cidade de Peekskill, N. Y. A renda do concerto deveria ir para a seção do Harlem do «Congresso dos Direitos Civis», organização dedicada à defesa das liberdades constitucionais, que foi citada na lista «subversiva» do procurador geral Clark.

Quatro dias antes do concerto, o Evening Star de Peekskill trazia em manchete: «O concerto de Robeson ajuda ao bloco subversivo». E o editorial dizia: «O tempo do silêncio tolerante que significa aprovação está acabando...»



A polícia americana auxilia os criminosos racistas

NA AMERICA

ALBERT KAHN

O presidente da Câmara de Comércio local e outros patrioteiros do lugar, atacaram o concerto como «não-americano», ao tempo em que organizações de veteranos decidiam promover demonstrações e uma passeata de protesto.

O concerto nunca se realizou.

Quando Paul Robeson chegou para o espetáculo, não conseguiu entrar em Lakeland Acres. Uma multidão raivosa bloqueou o caminho, impedindo a qualquer pessoa de entrar no parque. Ao longo de duas milhas da estrada, os carros dos que iam ao concerto se amontoavam uma atrás do outro. Não se via polícia.

Ao cair da noite, a malta começou a espatifar as cadeiras colocadas no parque, fazendo uma enorme fogueira dos destroços e lançou-se num violento assalto sobre as pessoas que haviam chegado mais cedo. Gritavam: «Nenhum de vocês sairá vivo daqui... Somos filhos de Hitler — prontos para terminar o trabalho que ele começou»...

A linha de defesa foi rapidamente organizada por algumas dezenas de homens. As 8,30 hs., abrindo caminho no escuro através da multidão que gritava, alguém foi telefonar para a polícia estadual. Mas tarde relatou o seguinte:

Vi um negro e dois brancos aproximarem-se da entrada do parque. Foram detidos pela multidão. Uma dúzia de homens empurrou o negro contra um monte de terra. O negro repetia: «Sou um americano. Tenho o direito de assistir ao concerto». Súbitamente um dos homens esmurrou-o e o bando caiu sobre ele berrando: «Matemo-lo, acabemos com ele». Bateram-lhe sem piedade, escoicearam-no e pisaram sobre ele. Vi então um soldado próximo. Dirigi-me a ele: «Venha cá, rapaz, isto não está direito». Ao que ele respondeu: «Esta direito sim, este não é o caminho americano», e mergulhou no bando. Arrastei o negro por entre os carros para dentro do bosque. Se não o fizesse, penso que o matariam.

Descrevendo o tratamento recebido por numerosas pessoas que procuravam assistir ao concerto, o *New York Herald Tribune* de 29 de agosto dizia:

«... o trânsito foi interrompido por blocos e toros de madeira e as pessoas arrancadas dos veículos. Os homens foram empurrados a força, enquanto as mulheres fugiam sob vãos e chacotas. Os carros foram amassados e quebrados com pedras e oito deles derrubados. Foram retirados por reboques, às duas horas da manhã».

Somente após algumas horas de tumulto, chegou a polícia para restabelecer uma ordem aparente.

Domingo à tarde, no dia seguinte ao assalto, mil e quinhentas pessoas indignadas, moradores do local, reuniram-se na propriedade do dr. Samuel Rosen, em Katonah, formaram o «Comitê pela Lei e a Ordem» de Westchester, e decidiram unanimemente enviar um segundo convite a Paul Robeson para cantar em Peekskill. «Recusamo-nos a

abandonar qualquer parte dos EE. UU. ao massacre organizado», dizia o Comitê, «nossas liberdades e direitos civis estão cerceados».

Terça-feira à noite, oito mil pessoas comprimiam-se no salão *Golden Gate* no Harlem, para protestar contra a violência de Peekskill. Dirigindo-se aos participantes da reunião, Paul Robeson anunciou que voltaria a cantar em Westchester.

O novo concerto foi programado para domingo, 7 de setembro, no *Hollow Brook Country Club*.

Em Peekskill a tensão aumentava à medida que o dia marcado se aproximava. Organizações locais convocaram uma parada gigantesca de protesto fora dos locais do concerto. Cartões e dísticos apareceram por toda a cidade com o slogan: «Levanta-te America — Peekskill já o fez».

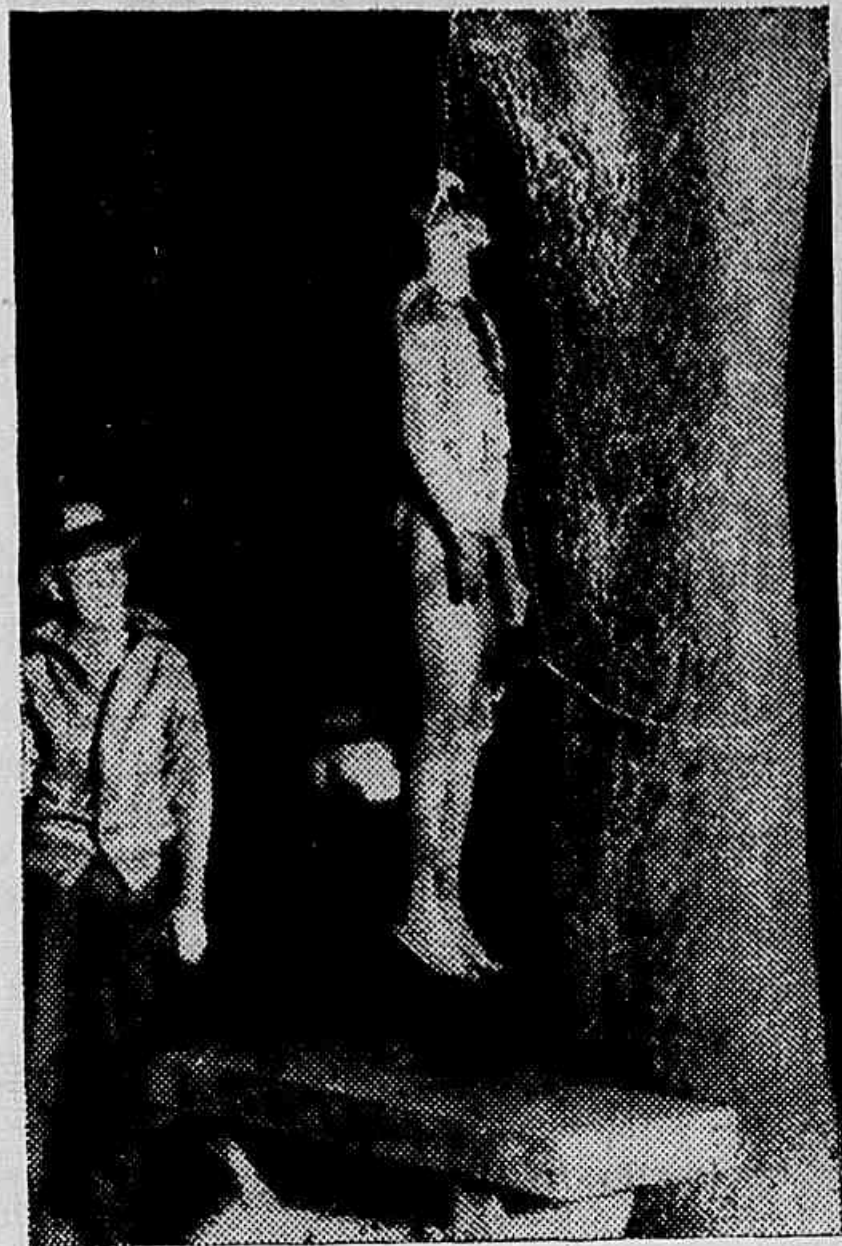
Cartazes foram pregados nos carros e ônibus com a inscrição: «Comunismo é traição; por traz do comunismo — os judeus. Portanto — pela Pátria e contra os judeus!». O *Daily Compass* anunciava que veranistas de uma colônia de férias das redondezas sentiam-se tão ameaçados que os homens organizaram um plantão de guarda contra o ataque.

Na véspera do concerto, rapazes discutiam nos bares, bilhares, etc., de Peekskill, exaltando abertamente o trabalho que iriam fazer contra «os comunistas, negros e judeus».

Por insistência do «Comitê pela Lei e a Ordem» de Westchester, o Governador Thomas Dewey convocou a polícia Estadual de Peekskill para o dia marcado.

Para assegurar proteção à audiência, os organizadores do concerto mo-

Violências policiais contra os negros nos Estados Unidos



Atrocidades do Klu Klux Klan

bilizaram um corpo de dois mil e quinhentos veteranos anti-fascistas. Sob o comando de Leon Strauss, vice-presidente da União Internacional dos Trabalhadores em Cortumes, oficial da reserva, estes veteranos chegaram ao *Hollow Brook Club* antes do nascer do sol. De pé, ombro a ombro, formavam a guarda de defesa, cercando completamente o parque.

À tarde, os que iam ao concerto, incluindo famílias com cestas de merenda, começaram a ocupar os seus lugares. Aproximando-se da entrada, passavam entre filas de centenas de policiais que continham uma multidão de manifestantes gritando injúrias e insultos. Alguns berravam: «Amigos de negros, de comunistas... Vocês estão entrando mas não sairão...»

Grupos de veteranos locais marchavam para cima e para baixo, acompanhados de bandas.

Quando o concerto começou, às duas horas, cerca de vinte mil pessoas estavam no parque. Todos silenciaram assim que Paul Robeson começou a cantar. Ondas de aplausos ecoaram contra as montanhas.

No fim do concerto, entretanto, a polícia despachava ônibus e carros ao longo da estrada sinuosa que passava por entre as árvores. Centenas de homens aguardavam de emboscada, armados de pedras, garrafas e tijolos. Uma tempestade de fragmentos atingia os veículos em todo o percurso.

Aqui estão alguns trechos de testemunhos feitos mais tarde pelas vítimas do ataque:

Pedimos a um policial que detivesse um dos apedrejadores. Ele respondeu: «Vá para casa, judeu sujo, antes que te partam a cabeça».

Vi várias pessoas machucadas apelar para a polícia. Mas os policiais riam, chamando as vítimas de «negros sujos», ou «judeus sujos», e ainda os espançavam com os casse-têtes. Vi a

própria polícia lançar pedras sobre os carros e ônibus.

Mulheres e crianças deitavam-se no chão do ônibus. As mulheres procuravam proteger as crianças... Alguns ruídos correram para perto do ônibus, fazendo pontaria certa nas cabeças das mulheres...

Um dos policiais gritou: «Apanhem estes bastardos». Um deles parou em frente à janela do carro em que eu estava sentado, mirou certeira e desferiu o seu casse-tete sobre o meu olho esquerdo. O casse-tete não alcançou o globo ocular mais feriu a pálpebra. Comecei a sangrar. Fomos arrancados do carro e fui forçado a passar por entre as mãos de 15 a 20 policiais que batiam-me na cabeça ou nas costas. Atiraram-me ao chão e continuaram a bater. Um deles notou uma atadura na minha mão esquerda que havia queimado há uma semana. Pulou em cima da mão e pressionou o joelho contra a atadura fraturando um dos dedos queimados.

Um grupo de assaltantes veio direto para a frente do ônibus, atirando um pedregulho que esmagou a minha mão. Quando olhei, vi que a terceira articulação pendia por um tendão. Observando tudo isto, estavam os policiais a rirem-se do fato.

Os feridos contavam-se às centenas. Grande número de homens e de mulheres ficaram seriamente machucados. Mais de 50 ônibus e centenas de carros particulares foram danificados pela violência da multidão.

«Isto está sendo escrito poucas horas após a minha partida do inferno sobre a terra que foi Peekskill», escreveu Leslie Matthews, correspondente de um jornal de negros, naquela noite. «Ainda ouço a gritaria histérica da multidão, o estilhaçar dos vidros, os gemidos das mulheres e o choro das crianças, os insultos e ofensas dos jovens selvagens. Ainda sinto o odor do sangue correndo das feridas, a fumaça da gasolina dos ônibus que tentavam bravamente salvar os alvos humanos da tempestade de tijolos, pedras e casse-tetes. Ainda sinto a violência, a confusão que pairava no ar...»

Um clamor de repulsa e condenação surgiu de todos os pontos do país. Numerosos civis, religiosos, organizações fraternalistas e trabalhadoras, assim como personalidades públicas, juntaram seus protestos.

O Christian Science Monitor disse em editorial:

...se uma comunidade como esta pode produzir a tirania das forças que negam os direitos constitucionais de reunião e palavra, poucas cidades da América podem sentir-se seguras...

O prefácio de um folheto intitulado Eyewitness — Peekskill, USA, publicado em seguida pelo Comitê de Inquérito de Westchester, diz:

Os autores deste relatório somos residentes no local. Aqui construímos nossos lares e educamos nossos filhos...

Sabemos agora que o que nos acon-

teceu chama-se Fascismo. Não mais alguma coisa de remoto que aconteceu um dia ao povo da Alemanha. Mas alguma coisa de próximo e pessoal que nos ameaça a vida de cada dia.

Conta um comerciante local: «O jovem que era estafeta de nossa vila, que nos sorria e cumprimentava todas as manhãs durante três anos, participou da multidão que atacou o primeiro concerto de Robeson». Um velho morador relata: «O barbeiro que serviu nossos filhos durante 16 anos, declarou orgulhosamente que ajudou a organizar o apedrejamento dos carros que

deixavam o segundo concerto». E uma senhora afirma: «Uma menina que foi a melhor amiga de nossa filha na escola, disse-lhe que ela merecia ter levado as pedradas por ter ido ouvir Robeson cantar em Peekskill».

E o prefácio termina:

Enviamos este relatório na ardente esperança de que os leitores compreendam que é necessário reagir antes que seja muito tarde; que não fecharão seus olhos e ouvidos à verdade; que não permitirão esta coisa vil, que se chama fascismo, degradar e brutalizar o povo de nossa terra.

OS HOMENS DE CIÊNCIA AMERICANOS

R. ARTHUR

A situação dos homens de ciência nos Estados Unidos é a mais tremenda possível. O chamado "país defensor da civilização ocidental e cristã" vive hoje num ambiente de terrorismo policial que é impossível descrever. Os cientistas são espiados e controlados em seus laboratórios e na sua vida particular por policiais treinados à semelhança do que ocorria no nazi-fascismo. Um documento impressionante a este respeito acaba de ser publicado pelo professor Meyer, no "Boletim dos Sábios Atômicos".

Nesse estudo são esquadrihadas várias categorias profissionais de cientistas que atualmente existem nos Estados Unidos. O relatório é longo e desce mesmo a minúcias policiais. Diz o professor de Chicago que se Sherlock Holmes vivesse teria grande possibilidades de descobrir a profissão de um sábio de acordo com seus gostos musicais ou políticos. Assim, de acordo com este professor, os físicos mostram grande predileção pela música de Bach e os químicos pela de Tchaikowski e Felix Groufé, enquanto que os engenheiros mostram marcada preferência pelo "jazz" e o "pob". O prof. Meyer diz ter chegado a estas conclusões depois de ter conversado com milhares de sábios americanos.

No que se refere ao problema de classe, notou o observador que frequentemente o engenheiro é filho de mecânico e saiu desta categoria profissional. Não é um brilhante conversador, porém, é em política um conservador, sendo muito embuído de espírito de classe. Os químicos provêm das classes médias energéticas. São de opiniões liberais, mas sem excessos. Gostam muito de protestar, porém, constituem excelentes diretores.

A maioria dos físicos saiu das al-

tas classes da burguesia e das classes intelectuais. Habitados às generalizações e às grandes hipóteses, são geralmente idealistas e adeptos, em política, das ideias esquerdistas. São muito "difíceis" e de gosto refinado em tudo o que se relaciona com as artes...

Os biólogos formam um grupo muito diferente. Muitos deles aspiravam ser químicos ou médicos, entretanto, não puderam terminar seus estudos por dificuldades econômicas ou por falta de capacidade matemática; outros são filhos de agricultores de excepcionais qualidades intelectuais. Há um fato que está alarmando os meios científicos, inclusive o governo norte-americano: pessoas de grande capacidade — inclusive físicos profissionais — estão voltando suas atenções para os estudos biológicos e sociais. Qual a explicação para esta alarmante migração em massa, de uma especialidade para outra? A explicação é dada pelo próprio prof. Meyer: os físicos são obrigados a trabalhar para a guerra e a guardar segredo de seus trabalhos. O resultado é este: em muitos sábios, está morrendo o interesse pela física. O prof. Meyer é obrigado a reconhecer que "somente na biologia se encontra hoje o ideal comum a todas as ciências na época de H. G. Wells, isto é, de somente oferecer a possibilidade de trabalhar abertamente para o melhoramento da saúde e do progresso da humanidade."

Como vemos, os cientistas americanos estão oferecendo decisivo combate às ideias trumanianas de guerra e de terror atômico. Como não podem modificar as diretrizes governamentais americanas, mudam de profissão. Não querem ser coniventes no crime de assassinio em massa da humanidade.

MARIO DE ANDRADE E O MODERNISMO

F. PEDREIRA

Este ano de 1952 parece ser o ano das comemorações: 30. cinquentenário do nascimento de Hugo, 5.º centenário de Da Vinci, 1.º milênio de Avicena, 30.º aniversário da Semana de Arte Moderna...

Sobre a Semana, cujos usufrutuários mais ou menos credenciados pululam nos jornais e revistas de cultura, tem-se falado bastante. E tem-se feito principalmente sensacionalismo.

Menos para atender à tradição de um espírito barulhento e brigão que foi o de 22 e que já hoje não tem razão de ser, do que para evitar a análise serena e a compreensão que deixariam no ridículo os foliões retardatários.

O perigo das coisas claras, ordenadas... A Semana é atualmente o escudo e a bandeira de todo um grupo heterogêneo de poetas, de críticos, de artistas e escritores cujo valor não suporta a crítica serena, o exame lúcido, mesmo em superfície. Seu clima é a confusão.

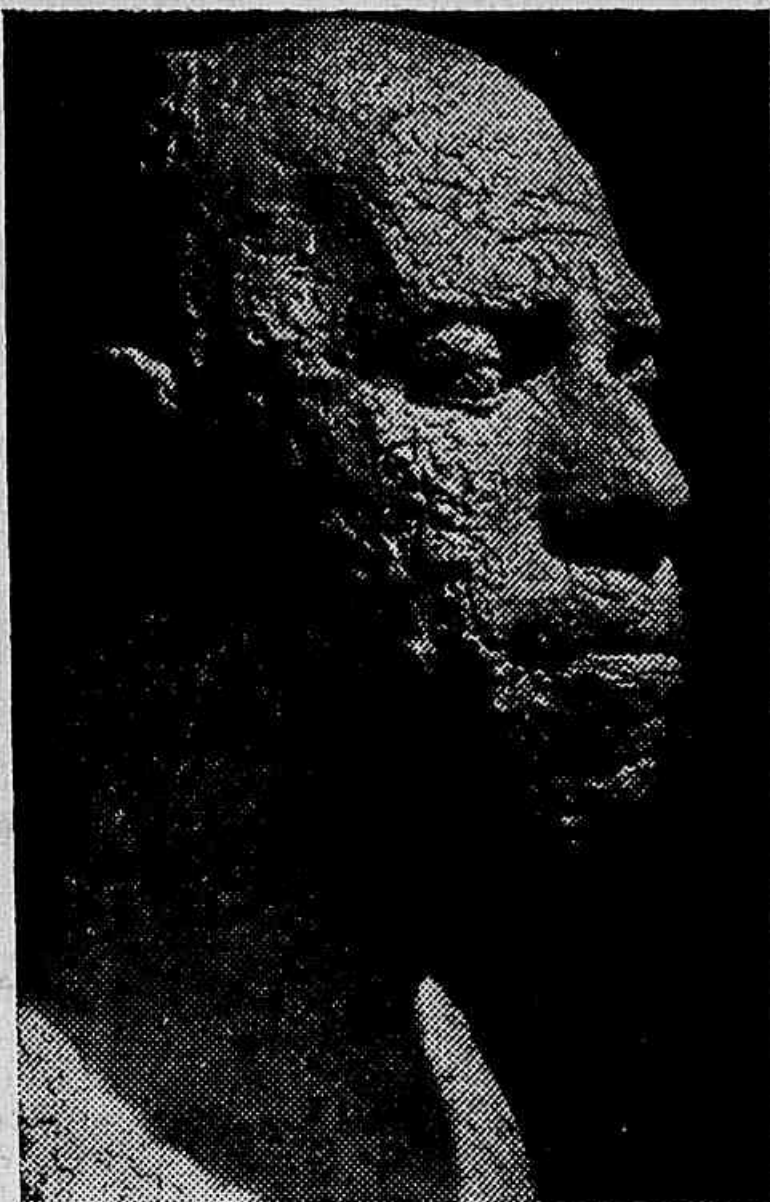
Por isso, têm julgado inconveniente e incômodo analisar de modo mais detido o movimento modernista. Preferem mesmo esquecer certos fatos, escamotear e falsear determinados documentos, os "momentos dramáticos" em que um Mario de Andrade, por exemplo, parou em sua marcha triunfante para rever o caminho percorrido com franqueza e a honestidade que foram a marca do seu espírito.

De todos os que surgiram em 22, foi sem dúvida o autor de "Paulicéia Desvairada" mais destacado e o mais brilhante. Nem por isso, entretanto, distinguiu-se essencialmente dos seus companheiros. E é o seu espírito lúcido, a clareza e o vigor das suas análises, que nos ajudam a perceber hoje, revendo a sua obra, as marcas da desorientação, da insegurança, das incompreensões que caracterizavam a pequena burguesia da época, e que o modernismo erigiu em lema.

A obra de Mario de Andrade e dos seus companheiros de 22 deve ser assim apreciada dentro do quadro histórico que possibilitou o seu surto e determinou-lhe os limites.

De resto, ao contrário de um Jorge Amado que surgiria bem mais tarde, marcado pelo barro mole e pegajoso das plantações de cacau, pleno de vigor e de entusiasmo, de amor pela realidade punjente e épica de sua terra, Mario de Andrade brotou no asfalto da cidade, presa de uma cultura livresca e duma "aristocracia" de snobs que todo o seu esforço e talento, todo o seu calor humano e o seu apêgo à gente e às coisas do Brasil, não conseguiram apagar.

Por outro lado, mais do que as idéias e as teses, tantas vezes contraditórias, de



Mario de Andrade, numa escultura de Bruno Giorgi

Mario de Andrade e dos seus amigos, mais do que a formação individual de cada um dos membros deste pequeno grupo de iniciadores, o que explica a evolução do modernismo no Brasil e a esterilidade quase completa em que caiu hoje (à exceção de uns poucos nomes) são as condições em que a própria classe dominante conseguiu envolvê-lo e que o corromperam, principalmente porque lhe faltava uma base teórica, um fundamento de doutrina menos incoerente, que desse sentido e orientação aos ímpetus de entusiasmo dos jovens da época.

A maioria dos representantes do modernismo, inclusive os mais destacados, preferiu deixar-se ficar no calorzinho agradável das amizades e proteções que lhe proporcionava a chamada aristocracia paulista. Chegaram mesmo a construir uma pequena teoria a respeito: a característica do intelectual seria "a capacidade dele se vender aos que melhor condição de vida e produção lhe oferecem"...

Assim, o inconformismo e a violência dos primeiros tempos foram se insulando cada vez mais dentro da cabeça de cada um. Quando não se inverteram em anticomunismo e defesa da ordem constituída, através da pena dos adeptos mais extremados da pequena teoria a que nos referimos.

Mario de Andrade, entretanto, foi daqueles talentos indomáveis que fizeram exceção. Sua cultura profunda, sua insaciável curiosidade, a proibição constante do seu processo intelectual, não só não permitiram que ele se acomodasse,

como o fizeram perceber e apontar, antes de qualquer outro e através de todas as hesitações, muito do que havia de errado em seu próprio caminho. Neste sentido, é justo dizer - como disse Mignone, certa vez, e como nos dizia Afonso Schmidt, ainda há poucos dias - que Mario de Andrade morreu na primeira fila dos que lutavam por uma literatura de cunho nacional e progressista, ativamente participante.

Sem dúvida! Quem divulgaria hoje, honestamente e sem temores, a sua conferência sobre o movimento modernista, verdadeiro testamento intelectual? Talvez os usufrutuários da Semana, de que falamos no início, "encharcados de Sartre", pendurados nas tetas da própria covardia?

No seu "Testamento de uma geração", publicado ainda durante a guerra, Edgard Cavalheiro escrevia: "Mario viu que estava errado e, depois deste mea culpa corajoso, honesto e cruel não se recolheu à toca, não abandonou a vida. Pelo contrário, nela se integrou de corpo e alma e suas últimas produções revelam que o escritor marcha, atualmente, ao lado da multidão, convicto como está de que a liberdade não é prêmio, é uma sanção. *'Que há de vir'*".

O assunto é vasto e complexo. Mas este 30.º aniversário não deve passar sem uma análise detida do movimento modernista e da obra das suas figuras mais importantes. Ao menos, para que não seja mais possível a exploração sub-literatos, remanescentes ou novíssimos, de políticos como o sr. Getúlio Vargas, que se pretendem os continuadores de 22. Para que fique definitivamente clara a separação entre o misticismo para-fascista do sr. Tristão de Ataíde, o nacionalismo integralista do "grupo da Anta", que deu no Estado Novo, e a generosidade sempre firmemente democrática dos que não traíram.

Apenas num sentido têm razão os literatelhos do "Jornal de Letras", os copiadores de Elliot, de Sartre, de Gide e de Koestler, os imitadores da Escola de Paris em se proclamarem os herdeiros de 22. Foi a Semana que iniciou em grosso e a retalho a importação do contrabando cosmopolita, de resto mais ou menos inevitável em face da desorientação reinante entre os jovens da época.

Mas a grandeza de um Mario de Andrade, de um Ronald, de Segall ou Goeldi, de Camargo Guarnieri, não vem daí. Eles foram grandes na medida em que souberam superar as fraquezas do movimento que integravam, em que puderam, mercê de um talento generoso, vencer a distância que os separava do povo, dos seus sofrimentos e das suas aspirações mais verdadeiras. E só por isso a obra deles, e de outros como eles, há de permanecer

O MOVIMENTO MODERNISTA

MÁRIO DE ANDRADE

Julgamos oportuno, neste 30.º aniversário da S.A.M., reproduzir o trecho final da conferência sobre O Movimento Modernista que Mario de Andrade pronunciou no Itamarati, há precisamente 10 anos, e que continua sendo o mais sério e o mais importante dos muitos depoimentos já produzidos pelos participantes do período "milhormente chamado modernista". Embora não possa ser considerada um exame definitivo e completo do movimento de 22, a conferência de Mario de Andrade é um documento de uma sinceridade apaixonante que nos dá a medida da elevação de espírito e da honestidade do seu autor.

E me cabe finalmente falar sobre o que chamei de «atualização da inteligência artística brasileira». Com efeito: não se deve confundir isso com a liberdade de pesquisa estética, pois esta lida com formas, com a técnica e as representações da beleza, ao passo que a arte é muito mais larga e complexa que isso, e tem uma funcionalidade imediata social, é uma profissão e uma força interessada da vida.

A prova mais evidente desta distinção é o famoso problema do assunto em arte, no qual tantos escritores e filósofos se emaranham. Ora não há dúvida nenhuma que o assunto não tem a menor importância para a inteligência estética. Chega mesmo a não existir para ela. Mas a inteligência estética se manifesta por intermédio de uma expressão interessada da sociedade, que é a arte. Esta é que tem uma função humana, imediatista e maior que a criação hedonística da beleza. E dentro dessa funcionalidade humana da arte é que o assunto adquire um valor primordial e representa uma mensagem imprescindível. Ora, como atualização da inteligência artística é que o movimento modernista representou papel contraditório e muitas vezes gravemente precário.

Atuais, atualíssimos, universais, originais mesmo por vezes em nossas pesquisas e criações, nós, os participantes do período milhormente chamado «modernista», fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer da vida e da festança em que nos desvirlizávamos. Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. E isto era o principal! Mas aqui meu pensamento se torna tão delicadamente confessional, que terminarei este discurso falando mais diretamente de mim. Que se reconheçam no que eu vou dizer os que o puderem.

Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terra. Ajudei coisas, maquinei coisas, fiz coisas, muita coisa! E no entanto me sobra agora a sentença de que fiz muito pouco, porque todos os meus feitos derivaram duma ilusão vasta. E eu que sempre me pensei, me senti mesmo, sadiamente banhado de amor humano, chego no declínio da vida à convicção de que faltou humanidade em mim. Meu aristocracismo me puniu. Minhas intensões me enganaram.

Vítima do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem, mas é uma antiquada ausência de realidade em muitos de nós. Estou repisando o que já disse a um moço... E outra coisa sinão o respeito que tenho pelo destino dos mais novos se fazendo, não me levaria a esta confissão bastante cruel, de perceber em quase toda a minha obra a insuficiência do abstencionismo. Francos, dirigidos, muitos de nós demos às nossas obras uma caducidade de combate. Estava certo em princípio. O engano é que nos pusemos combatendo lençóis superficiais de fantasmas. Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura. E si agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofetear-la como ela merece. Quando muito lhe fiz de longe umas caretas. Mas isto, a mim, não me satisfaz.

Não me imagino político de ação. Mas nós estamos

vivendo uma idade política do homem, e a isso eu tinha que servir. Mas em síntese, eu só me percebo, feito um Amador Bueno qualquer, falando «não quero» e me isentando da atualidade por detrás das portas contemplativas de um convento. Também não me desejaria escrevendo páginas explosivas, brigando a pau por ideologias e ganhando os louros fáceis de um xilindró. Tudo isso não sou eu nem é pra mim. Mas estou convencido de que devíamos ter nos transformado de especulativos em especuladores. Há sempre jeito de escorregar num ângulo de visão numa escolha de valores, no embaçado duma lágrima que evolui ainda mais o insuportável das condições atuais do mundo. Não. Viramos abstencionistas abstermos e transcendentes (1). Mas por isso mesmo que fui sinceríssimo, que desejei ser fecundo e joguei lealmente com todas as minhas cartas à vista, alcanço agora esta consciência de que fomos bastante inatuais. Vaidade, tudo vaidade...

Tudo o que fizemos... Tudo o que eu fiz foi especialmente uma cilada da minha felicidade pessoal e da festa em que vivemos. E aliás o que, com decepção açucarada, nos explica historicamente. Nós éramos os filhos finais de uma civilização que se acabou, e é sabido que o cultivo delirante do prazer individual represa as forças dos homens sempre que uma idade morre. E já mostrei que o movimento modernista foi destruidor. Muitos porem ultrapassamos essa fase destruidora, não nos deixamos ficar no seu espírito e igualamos nosso passo, embora um bocado turtuveante ao das gerações mais novas. Mas apesar das sinceras intenções boas que dirigiram a minha obra e a deformaram muito, na verdade, será que não terei passeado apenas, me iludindo de existir?... E certo que eu me sentia responsabilizado pelas fraquezas e as desgraças dos homens. E certo que pretendi regar minha obra de orvalhos mais generosos, sujá-las nas impurezas da dor, sair do limbo «ne trista ne lieta» da minha felicidade pessoal. Mas pelo próprio exercício da felicidade, mas pela própria altivez sensualíssima do individualismo, não me era mais possível renegá-los como um erro, embora eu chegue um pouco tarde à convicção da sua mesquize.

A única observação que pode trazer alguma complacência para o que eu fui, é que eu estava enganado. Julgava sinceramente cuidar mais da vida que de mim. Deformei, ninguém não imagina quanto, a minha obra — o que não quer dizer que si não fizesse isso, ela fosse melhor... Abandonei, tração conciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. Mas é que eu decidira impregnar tudo quanto fazia de um valor utilitário, um valor prático de vida, que fosse alguma coisa mais terrestre que ficção, prazer estético a beleza divina.

Mas eis que chego a este paradoxo irrespirável: tendo deformado toda a minha obra por um anti-individualismo dirigido e voluntarioso toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável! E é melancólico chegar assim no crepúsculo, sem contar com a solidariedade de si mesmo. Eu não posso estar satisfeito de mim. O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio do meu passado.

Mudar? Acrescentar? Mas como esquecer que estou na rampa dos cinquenta anos e que os meus gestos agora já são todos... memórias musculares?... Ex omnibus bonis quae homini tribuit natura, nullum melius esse tempestiva morte... O terrível é que talvez ainda nos seja mais acertada a discreção, a virarmos por aí cacoeteiros de atualidade, macaqueando as atuais aparências do mundo. Aparências que levarão o homem por certo a maior perfeição de sua vida. Me recuso a imaginar na inutilidade das tragédias contemporâneas. O Homo Imbecillis acabará entregando os pontos à grandeza do seu destino.

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi

(1) «Uns verdadeiros inconcientes», como já falei uma vez...

UM LIVRO DESTOANTE

AFONSO SCHMIDT

O dr. Claudio de Souza é um dos escritores paulistas que alcançaram a «imortalidade» da Academia Brasileira de Letras; foi eleito há cerca de trinta anos e tem ocupado a sua presidência não sei quantas vezes. Não pertence, no entanto, ao número dos que devem à poltrona a popularidade de que gozam. É autor de obra vasta, variada, abrangendo quase todos os gêneros literários e que tem merecido elogios de escritores tanto patricios como estrangeiros.

Há anos o dr. Claudio de Souza desempenha as funções de presidente do P. E. N. Clube do Brasil, secção nacional de uma sociedade internacional de homens de letras, com sede na Inglaterra. É esse mesmo P.E.N. Clube que acaba de publicar um romance do seu presidente brasileiro, com o título de «A Luta das Gerações». Pela ordem de publicação, é o 78.º trabalho do escritor paulista. E apresenta novidades. Como já foi observado, o autor de «Terra do Fogo» e de «Ano Santo», há pouco reeditado, pôs de parte seus métodos habituais e adotou o estilo e as formas correntes nos modernos romances norte-americanos. Infelizmente, porém, o nosso coestadua não se limitou a essa inovação louvável em quem, como ele, caminha para uma centena de obras publicadas. Foi mais longe: tentou colaborar na política internacional do Departamento de Estado contra as aspirações dos povos que anseiam por liberdade.

Estudando o problema das gerações que se sucedem, o dr. Claudio de Souza não poderia deixar de falar no movimento comunista que, há cerca de 25 anos, iniciou a obra de esclarecimento do povo brasileiro, ameaçado pela voracidade do capital colonizador. Fê-lo, porém, com infelicidade. Ao ler esse volume, chega-se à conclusão de que o autor, homem de gabinete, voltado para as belezas da literatura, vivendo acima do drama silencioso de

seus patricios, teve de recorrer a informantes. Na hora de molhar a pena no tinteiro, aceitou como verdades todas as mentiras e provocações que a polícia política do Brasil (às ordens de agentes norte-americanos) espalha com regularidade pela imprensa, sob a forma de comunicados.

O dr. Claudio de Souza não se filiou ao anti-comunismo, indústria explorada por intelectuais frustrados. Não. O autor de «Flores de Sombra» não precisa de tais recursos. Os milhões de dólares que o sr. Truman quase diariamente destina à campanha de embrutecimento das suas vítimas, cachaga que se dá ao perú na hora de passar-lhe a faca pelo pescoço, deixam-no impassível. Estou quase certo de que o escritor patricio foi vítima de um abuso de confiança. Dêsse crime devem ter participado a secção central do P. E. N. Clube, os maneirados funcionários da Embaixada Norte-Americana e, cá em baixo, cumprindo ordens, a polícia política brasileira. Esses informantes, ao lerem hoje o livro do escritor paulista, devem estar radiantes, pois, graças a vis engodos levaram um escritor respeitável a falsear a verdade histórica da sua época e, o que é doloroso, a menosprezar as principais figuras da Literatura, da Arte e da Ciência da sua pátria. Sim, que os primeiros entre nós, em todas as altas manifestações do espírito, preferirão o comunismo libertador do Brasil ao fascismo de Truman, hoje infiltrado por toda parte, que tudo faz para tornar nossa terra uma propriedade de Wall Street, um ponto de apoio para a guerra total com que aspira a assenhorear-se do mundo.

Os comunistas de que o meu amigo ouviu falar no P. E. N. Clube são uma horda cinica e sanguinária, capaz de todos os crimes. Ora, isso não é verdade. Absolutamente. Há muitos anos que os conhecemos, em todas as camadas sociais, principalmente entre

os escritores e artistas, e neles só encontramos o desejo de lutar por um Brasil livre dentro de um mundo melhor. Os que porventura apareceram acidentalmente nesse meio e não eram patriotas de coração, retiraram-se logo, para inscrever-se entre os anti-comunistas que se cadilauzizam com deslumbrante facilidade...

Enfim, o dr. Claudio de Souza foi levado a contar no seu romance tudo aquilo que Wall Street deseja que os brasileiros ingênuos tenham como verdade, a respeito dos que lutam contra todas as forças da reação interna e externa, em prol da terra em que nasceram. É por aquela forma odiosa, descrita pelo nosso patricio, que Wall Street deseja que os brasileiros julguem esses milhares de homens e mulheres, patriotas abnegados, os únicos que aqui lutam contra a já iniciada dominação norte-americana. Os comunistas — se o dr. Claudio de Souza quizer estudá-los com verdade — verá que são caluniados porque se constituíram por fatos e não por palavras em libertadores do infeliz povo brasileiro; sofrem hoje a mesma perseguição que no passado sofreu Tiradentes. E pelo mesmo motivo.

Enfim, o autor de «A Luta das Gerações» foi vítima da caviliosidade dos que o cercam. Um escritor da sua nomeada não poderia publicar, por simples prazer, essa obra destoante do conjunto, americanizada, errada e triste que o indispõe com tantos leitores conscientes e com a nossa intelectualidade no que ela tem de mais alto e brilhante. De futuro, quem ler esse romance e não estiver suficientemente informado sobre quem o escreveu, poderá incluir o nome do dr. Claudio de Souza entre os máus brasileiros que, nestes dias agitados de 1952, se colocaram ao lado de Truman, contra a liberdade do Brasil e os interesses superiores do nosso povo.

tão «momentâneo» como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.

Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, officios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em

técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.

Aos espiões nunca foi necessária essa «liberdade» pela qual tanto se grita. Nos períodos de maior escravização do indivíduo, Grécia, Egito, artes e ciências não deixaram de florescer. Será que a liberdade é uma bobagem?... Será que o direito é uma bobagem?... A vida humana é que é alguma coisa a mais que ciência artes e profissões. É nessa vida que a liberdade tem um sentido, e o direito dos homens. A liberdade não é um prêmio, é uma sanção. Que há de vir.

A MISSÃO DOS POETAS

As ilustrações que publicamos neste número são de autoria de Jamil Almansur Haddad para uma edição especial.

JAMIL ALMANSUR HADDAD

O poeta romântico acreditava tivessem uma missão. Supunha-se entidade sobrenatural, guia e profeta. Essa convicção tinha origem longínqua, em parte era bebida nas teorias platônicas da inspiração: «O poeta é um ser ligeiro, alado e sagrado; é incapaz de compôr a menos que o entusiasmo se aposses dele, a menos que esteja fora de si». «O Romantismo apoderou-se desta crença, despojando-a, é verdade, do sentido depreciativo que tinha em Platão. Ficava assim satisfeito de colocar a poesia nas fronteiras da loucura, concordando plenamente com a idéia da sobrenaturalidade da inspiração. Afagava-o a concepção da poesia como fenómeno mediúnico, o poeta possuindo-se então de forças ignotas que faziam dele o transmissor de verdades inefáveis, o Revelador do Desconhecido, sobretudo o Antecipador da realidade vindoura. Seria preciso dotá-lo de atributos sobrenaturais, pois que, contido dentro da lógica racional e rotineira, tenderia por certo a nivelar-se com outras criaturas, o que em absoluto não lhe convinha. E essa convicção chega até a plasmar-lhe a linguagem que fica por vezes hiperbólica, tonitroante, desferindo raios e após-

trofes, sublime, imersa numa grandiosa atmosfera bíblica tal no momento áureo do condoreirismo em que o poeta é surto, impreciação, delírio, cólera.

A grandeza da missão do poeta esplende inicialmente em Byron. Depois, e por muitos anos, o século XIX francês olha como três estrelas guias os seus poetas: Lamartine, Hugo e Vigny. Postos e cidadãos foram o exemplo do intelectual convicto da necessidade da participação. A multidão reclamava-os e eles iam ao encontro dela sem se misturarem, é verdade. Planavam por sobre as turbas, superiormente. Altos embora, eram solidários...

Lamartine exclamava: «Honte à qui peut chanter pendant que Rome burle?...» e doutrina na prefácio das «Meditations»: «A poesia não será mais lírica no sentido em que tomamos a palavra; ela não tem bastante mocidade, frescura, espontaneidade e impressão para cantar como ao primeiro despertar do pensamento humano. Ela não será mais épica... ela não será mais dramática... Ela será a razão cantada... ela será filosófica, religiosa, política, social como as épocas que o genero humano vai

atravessar, ela deve seguir a inclinação das instituições e da imprensa, ela deve fazer-se povo e tornar-se popular como a religião, a razão, a filosofia... a época pede-a, o povo tem sede dela».

Colocava-se o poeta à frente das massas e queria ser o líder iluminado, onisciente, onividente, onipotente, profeta, construtor da cidade do futuro, o que assesta os golpes de misericórdia contra as instituições decrépitas a entravarem a marcha flamejante do Progresso. O que substituiu Cristo. O que trazia o Evangelho postergado da Fraternidade. Cirineu para aliviar o peso da cruz. Moisés que leva para a terra de Canaã.

Vigny escreve, a certa hora em «Stello»: «Creio em mim porque sinto no fundo do coração uma força secreta, inefável e indefinível, toda semelhante a um pressentimento do futuro e a uma revelação das causas misteriosas do tempo presente. Creio em mim porque não há na natureza nenhuma grandeza, nenhuma harmonia que não me cause um estremecimento profético, que não leve a emoção profunda às minhas entranhas, que não me inunde as pálpebras de lágrimas divinas e



POETAS

As nesta página, são de Virginia Artigas e foram feitas
edição do Noventa e Três de Victor Hugo

inexplicáveis. Creio firmemente numa vocação inefável que me foi dada e creio nela por causa da piedade sem limites que me inspiram os homens, meus companheiros de misérias assim como por causa do desejo que sinto de estender-lhes a mão e de erguê-los sem cessar mediante palavras de comiserção e de amor.»

Em Victor Hugo, fundamentais do ponto de vista da gênese de uma teoria da missão, são os prefácios: já no livro inaugural. «Odes et Ballades», assegura: «Há duas intenções na publicação deste livro, a intenção literária e a intenção política; mas no pensamento do autor, a última é consequência da primeira, pois a história dos homens só apresenta poesia quando julgada do alto de suas idéias monárquicas e das suas crenças religiosas.» O prefácio de «Orientales» não alude à política, o mesmo não se podendo dizer do conteúdo do livro com alguns poemas de solidariedade à Grécia em guerra por sua independência. Na introdução de «Les Feuilles d'Autonne», vemos: «O momento político é grave». Todavia reclama assim mesmo o direito de não intervir nele. Mesmo assim é sugestivo, pois o poeta quando evita a política sente-se no dever de justificar-se. O prefácio de «Les Chants du Crepuscule» revela preocupação social. Já no limiar de «Les Voix Interieures» fala na finalidade da poesia e mostra como ela tem três caminhos, o do lar, o do campo, o da rua, a rua das multidões e da política. Nos prefácios seguintes haveria muito ainda a respirar. Como ainda pelo obra inteira:

«Un formidable esprit descend
dans sa pense.

Sa parole luit comme un feu.
Les peuples prosternés en foule
P'environnent;
Il parait; et soudain en eclairs
elancée.
Sina myterieux, les foudres le
couronnent.

Et son front port fout un dieu.

Passando para o Brasil, temos que Castro Alves é o poeta do Romantismo Brasileiro mais possuído desta idéia de missão. A poesia não pode manter-se impassível, de coração duro ao drama dos homens: «Sempre o poeta derramando uma lágrima pelas desgraças do mundo...

«É que para chorar as dores pequenas Deus criou as afeições, para chorar a humanidade — a poesia.»

Em outro momento: «Quando porem a humanidade sente-se abraçada na chama de um pensamento grande, o poeta pega da lira; que treme de entusiasmo e arrasta as turbas encantadas até o heroísmo.



Então ele é Tasso, ensinando a morte por Deus; Beranger, a morte por sua Pátria; Antonio José cantando entre as chamas da Inquisição; Chénier selando com seu sangue a redenção da França no Gólgota do patíbulo.»

E no que tange às idéias do século, Castro Alves doutrina: «A poesia deve ser o arauto da liberdade — esse verbo da Redenção moderna — e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo.»

E para os poetas cumprirem a sua missão, «parece que Deus criando-o ACIMA DA TURBA, lançando-lhe o infinito na alma, insculpindo-lhes na fronte o selo talvez dos anjos, segredou-lhes ao ouvido o ritmo primícia perdido na terra, dos cantos celestes.»

A poesia não pode ser uma incursão vertical e tormentosa nos meandros da alma; ela pelo contrário adere à realidade chata e dolorosa do universo de fora: «Os espetáculos do mundo arrastam naturalmente o homem a esquecer-se da si na contemplação dos mistérios que se lhe antolham; então a poesia deixa de ser subjetiva, o poeta esquece a sua individualidade, identifica-se com o mundo externo.» São vistas pelo menos do poeta que do critico e que honram sobremaneira o criador de «Vozes de Africa».

E a poesia responde perfeitamente a esse apelo da razão. Ele já havia cantado as doçuras da vida tranquila, as evanescências do amor e do sonho mas o sofrimento do povo lança-lhe clamorosa suplica:

Ouvi saudoso a viola
Que ao sertanejo consola,
Junto à fogueira do lar,
Amei a linda serrana
Cantando a mole tirana
Pelas noites de luar,
Da infancia o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor,
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor.

OH! MALDIÇÃO AO POETA
QUE FOGE — FALSO PROFETA —
NOS DIAS DE PROVAÇÃO!

Porisso não poderá deixar de recri-
minar ásperamente aquele que desfi-
gura e corrompe o instrumento liber-
tador que Deus le pôs nas mãos:
Maldição sobr vós, tribuno falso,
Rei que julgais que o negro cadafalso

E' dos tronos irmãos!
Bardo que a lira prostituís na orgia,
— Eunuco incensador da tirania,

Sobre ti maldição!
porque inimiga do homem, do progres-
so e da paz.

Esse tema possui tradição na poe-
sia brasileira. Por exemplo, vemos em
Magalhães:

Não, oh mortais, não vos pertenco
[(exclama)

Eu sou orgão de um Deus; um Deus
[me inspira;

Seu intérprete sou; oh terra! ouvi-me.

e em Alvares de Azevedo:

Meu sonho foi a glória dos valentes,
De um nome de guerreiro a eternidade

Nos hinos seculares,
Foi nas prazas, de sangue ainda quen-
[tes

Desdobrar o pendão da liberdade

Nas fronteiras populares!

O poeta esplende na posse de sua
idéia missionária. Encarnou-a sobrema-
neira Victor Hugo, o proscrito da Di-
tadura e que de dois exílios gloriosos
— Jersey e Guernesay — irradiava
num côro apóstrofes e anátemas.

A Liberdade proscrita por Napoleão,
o Pequeno por sua vez se exilava em
seu canto. E a sua presença e o seu
exemplo enchem o século da claridade
ofuscante da revolução.



ROSSINE CAMARGO GUARNIEIRI consagrou-se como poeta com o seu livro de estréia, *Pôrto Inseguro* (José Olímpio, 1938), que obteve o louvor unânime da crítica de todo o país. Em '944 publicou *A Voz do Grande Rio* (Brasiliense) e, dois anos depois, *Três Poemas*, de assunto político, sempre com o mesmo sucesso. A página que publicamos é um capítulo do livro *Terra Sangrenta*, sua primeira experiência como romancista, que deverá sair antes do fim do ano. O poeta tem ainda em preparo, já quase em condições de ir para o prelo, as *Memórias de um Galo de Briga*, e um volume de *Poesias Escolhidas*, que será editado pelo Clube de Gravura de São Paulo

T E R R A S A N G R E N T A

Vasco estava no fundo da casa, curando a bicheira de uma bezerra, quando ouviu a voz de Malvina, chamando:

— Vasco! Vasco! Venha depressa que o coroné Gaudêncio t'aquí!

Ele ouviu a voz aflita da mulher e pensou: «Que será que o coroné Gaudêncio qué aquí im casa? Ele nunca veio por estas bandas!»

Limpou as mãos num trápo e atravessou a pequena casa, no seu passo firme.

— Vamo apeá, sô coroné! — Exclamou Vasco, parando no limiar da porta.

O coronel Gaudencio Lustosa, do alto do animal bem arreiado, contemplou toda a extensão do sítio «Passarinho», com um leve ar de alegria na face tostada.

— Terrinha cansada, heim, seu Vasco? — Disse o coronel, desmontando o animal.

Vasco Teixeira correu os olhos pelas terras onde o café viçoso dominava e respondeu, calmamente:

— Nem tanto, coroné! Bôa de verdade ela num é, mai cum trabáio e co'ajuda de Deus, vai dano o seu cafézinho...

O coronel Gaudencio amarrou o cabresto do cavalo tordilho no morão da cerca, e veio caminhando e batendo o rêlho de cabo de prata no cano da bota alta.

— Qual o quê!... Terra bôa é só pros lados do Anconelli! Aquilo, sim, vale a pena prá café! — E com ar de desdém, sacudindo o rêlho no espaço: — Isso aqui... Isso aqui... só serve prá capim gordura, e olhe lá seu Vasco!

— Vamo entrá, sô coroné! — Respondeu Vasco, sem

dar importância ao que acabára de ouvir.

O coronel Gaudencio foi entrando e batendo os pés empoelrados na soleira da porta, num claro rumor de espóras.

— Com sua licença, seu Vasco! — E correndo os olhos críticos pelas paredes pobres, prosseguiu o coronel, rindo entre-dentes: — A casinha tá precisando de conserto... de conserto grande ou picareta!

Vasco trocou um olhar de entendimento com Malvina e num riso desapontado foi respondendo:

— E' tapéra de pobre, mai vai servino! Despoi, nós num semo mêmro de luxe! Num entranto chuva nem morcêgo, serve!

O coronel sorriu, sacudindo a cabeça, Vasco virou bruscamente para Malvina e pediu:

— Marva!... Faz um cafézinho pro coroné, Marva!

Malvina saiu para a cozinha, enquanto o coronel Gaudencio protestava:

— Não se incomodem!... Estou de passagem e não me demoro. O assunto da visita é curto. — E foi arrastando uma tripeça para sentar

Vasco imitou o visitante. O coronel botou o rêlho sobre a mesa. Tirou um lenço do bolso do paletó caqui, assoou o nariz com ruído, e foi logo, diretamente ao assunto que o trouxéra:

— Escute aqui, seu Vasco! Não sei se você já sabe que ando com vontade de aumentar a minha «Fazenda Velha». Quero formar uma grande fazenda experimental! Como aquela do falecido Major Bercelino, lembra? Não ouviu ainda falar nisso, seu Vasco?

Vasco se lembrava como fôra «formada» a «Fazenda Roseiral», do Major Bercelino Gomes, quinze ou dezesseis anos antes. Naquele tempo, ele era mocinho ainda e não compreendera a razão dos acontecimentos. Mas, se lembrava de tudo. Esquecera muita coisa de sua meninice pobre e trabalhosa, mas ficara-lhe na memória a lembrança brutal das tropelias que o Major Bercelino provocara com os seus capangas tentando desalojar dezenas de camponeses e sitiante de suas casas para oferecer uma nova fazenda de terras roubadas como dote de casamento a uma das filhas.

O pipocar dos rifles ainda soava em seus ouvidos; seus olhos ainda guardavam a lembrança sinistra dos incêndios que os capangas do Major Bercelino atearam nos palóis, nos barracões e nas casas; de sua memória não se havia apagado a imagem das pobres mulheres camponesas, chorando e gritando, com seus filhos no colo, fugindo, espavoridas sem saber para onde ir. Vasco se lembrava de tudo. O seu tio, Manéco Teixeira, fôra uma das muitas vítimas do Major. Expulso de seu sítio, depois de uma luta que se prolongou por muitas semanas, rodeado de ruínas e misérias, Manéco Teixeira foi derrotado. Quando viu que não poderia mais resistir, juntou a mulher e os filhos e foi tentar vida nova nos pantanais de Mato Grosso. Pouco depois apanhou febre e morreu, deixando a família na mais extrema penúria. Vasco Teixeira não se esquecera e, no fundo do coração, sentia um ódio surdo que o fazia desconfiado de todo fazendeiro. A conversa do coronel Gaudêncio o punha de sobreaviso. Era como um que cobria as tristes lembranças do seu passado.

O coronel Gaudêncio insistiu na pergunta e Vasco respondeu, timidamente:

— Ovi umas conversa, sô coroné. Lá na venda do Biajo

— Pois é... Ando com vontade. Tenho alguns amigos no Governo — E o coronel destacou bem essa palavra — que andam me aconselhando a fazer isso pelo bem de todos, pelo bem do nosso Município... Uma fazenda experimental bem dirigida servirá muito à lavoura do nosso Estado! — O coronel fez uma pausa e, franzindo os beiços, prosseguiu: — Café, já tenho bastante em minhas terras. Plantarei trigo, muito trigo para o bem do Brasil, seu Vasco! Será uma obra patriótica, compreende? Uma obra para todos. Que acha de minha idéia seu Vasco? Não é boa?

Vasco fez uma longa pausa e, por fim, respondeu, coçando a cabeça:

— Parece que é muito boa, sô coroné. Mas... muito arriscada, mêrmo cum bão custêlo... Andei escutando aí, ôtro dia, na venda do Biajo, que êsse negócio de trigo no Brasil é muito difícil... Disque tem gente graúda forçando pra que nada dê certo... Gente que qué que o trigo venha sempre de fora, do estrangeiro, mó de ganhá as diferença nas costa do povo... Num sei si é verdade, mai eu andei escutano falarem. Foi inté um home de perpáro que falô isso...

— Qual o quê, seu Vasco! — Retrucou o coronel — Isso... São histórias! Lorótas!... O Governo está interessado em me ajudar e o trigo vai brotar aqui, nas terras da «Fazenda Velha», como já está brotando lá pelos lados de Marcanópolis, na fazenda de meu cunhado! — E rindo malicioso acrescentou: — Quando o Governo quer, seu Vasco, não ha força que segure!

— E'... — Murmurou Vasco — Póde bem sê...

— Bem, meu caro, a prosa está boa, mas vamos logo ao nosso assunto. — Disse o coronel mudando o tom da voz — Que tal se eu lhe fizesse uma proposta vantajosa por esta terrinha?... Uma proposta razoável, heim, seu Vasco?

Vasco percebeu que o coronel tinha chegado ao motivo da visita, mas não respondeu. Meteu a mão no bolso, tirou o canivete, separou uma palha e começou a preparar um cigarro. O coronel Gaudêncio continuou:

—... Uma proposta boa para mim e para você. Tendo em vista que isto é terra cansada... Tendo em vista, vamos dizer... êste... êste meio máu trato da terra. E considerando, principalmente, que se trata de um negócio em que não tenho interesse propriamente pessoal... E' o Governo que quer que eu me arrisque... para o bem do Município. — O coronel Gaudêncio pigarreou e prosseguiu: — Você sabe, seu Vasco, eu não viso lucros. E' uma experiência... Uma experiência que tanto pode dar resultado, como pode dar prejuízo!... Mas, a gente não deve estar sempre pensando só nos lucros, no interesse da gen-

te... O que acha da minha proposta, seu Vasco? Vamos fazer um preço?

Do lugar em que se achava sentado, diante da janela aberta, Vasco Teixeira contemplou as árvores do sítio e, esfregando a mão calosa no queixo de barba rala, respondeu, pensativo:

E', sô coroné... O sinhô tá cum boas idéias, mai acontece qui nada posso arrespondê. Num tô cum vontade de vendê o meu sitinho... Si num sêsse pelo amô qui tenho nisto aqui que já mi deu tantas cansêra, seria pelo meu defunto pai... Ele tava quaje morreno, quano mi falô: «Oi, meu fio, agora ocê vai sê o chefe da famia, o dono destas terra. Trabáie cumo eu trabaiei, cum corage. O sítio tem duas hipotêca do coroné Gaudêncio. Prá uma, tem o dinheiro ali, naquela canastra. Juntei cum sacrificio. Prá ôtra, ocê junta cum seu trabáio dagora in diante... Ante de morrê, meu fio, quero que ocê mi faça uma premissa: num venda o sítio, a num sê im causo de ixtrema percisão. Tô parpitano que o café vai tê bão preço e estas terra, intonce, vai valê bão dinheiro. Num venda o «Passarinho», meu fio...»

Vasco Teixeira repetiu as palavras de seu falecido pai, sem tirar os olhos das árvores distantes do sítio, alheio à presença do coronel. Depois, como quem despertasse de um sonho, mudou o tom da voz e prosseguiu:

— Eu premeti, sô coroné... Trabaiei feito burro de carga! Trabaiei eu e minha muié que inté tá duente de tanto trabaiá. Afinar, paguemo as hipotêca de voismecê. Prá nós, foi um dia de festa! Foi cumo si nós dexasse de sê escravo. Escravo da dívida... escravo da premissa. E' purisso que num quero vendê o sítio... O sinhô me adescurpe! Num é por orgúio nem por soberba — que Deus mi perdôe! — mai eu num vendo este sítio, inquanto pudê trabaiá cum meus braço! Esta terra mi deu tantas cansêra, mi judiô tanto, sô coroné, qui tenho amô inté nas pedra dos caminho!

— E... Tudo isso é muito bonito! — Atalhou o coronel, irritado — Mas a verdade é que a sua terra está atravessada em minha fazenda! Não vê por onde passa a estrada? A volta que é preciso dar para chegar até onde foi o sítio do Pedro Lazão? Tudo por que? Tudo porque o seu sítio ficou assim... de viéz, atravessado no meio de minhas terras!... E' como um estrépe fincado entre os meus dedos! Atrapalha tudo! Atrapalha tudo, seu Vasco! — Vociferou o coronel batendo a mão espalmada no joelho.

— Eu sei, sô coroné! — Respondeu Vasco — Eu sei que as minhas terra ficáro travessada, cumo o sinhô diz, dispois que voismecê comprô o sítio do Lazão, aqui nos fundo. Mai eu num tenho culpa... O sinhô sabia disso, ante de comprá as terra! Eu num posso mudá o meu sítio...

— Bem... Bem! — Murmurou o coronel Gaudêncio, mordendo o beiço — Já vi que não nos entendemos... Você vem com essas histórias do seu defunto pai e quem perde não sou eu: é o Governo, é o Brasil quem perde, seu Vasco! E você é o unico responsável por isso... Vamos ver o que é que o governador vai achar da situação! Vamos ver...

O coronel Gaudêncio se levantou para sair, sem esperar pela resposta de Vasco Teixeira. Pegou o relho de cima da mesa, surrou várias vezes a palma da própria mão e, caminhando para a saída, arrematou, misterioso:

— Bem, seu Vasco... Daqui ha alguns dias, repetirei a minha proposta. Vamos ver se até lá você já mudou de idéia...

Vasco respondeu, com firmeza:

— Acho que num dianta isperá, sô coroné! Eu num tenho o direito de vendê estas terra, sem tá em ixtrema percisão. O sinhô me adescurpe mai eu num vô quebrá meu juramento!...

O coronel Gaudêncio ganhou o terreiro da frente da casa, montou o seu cavalo e rosou meio risonho:

— Vamos ver, seu Vasco! Vamos ver... — E apon-tando o relho na direção de Vasco, acrescentou: — Olhe! E' bom não esquecer que isso é negócio do Governo, ouviu? E com o Governo não se brinca... Até outro dia, seu Vasco!

E, sem esperar resposta, chicoteou violentamente o animal e partiu a galope.

Vasco ficou longo tempo parado à porta da casa, com os olhos perdidos no rumo por onde o coronel seguira.

Ao entrar, murmurou para Malvina que vinha chegando com duas tijelas de café nas mãos:

— Ache que vô tê borrecimento cum o coroné Gaudenço... — E cruzou a casa para continuar o tratamento mento da bezerra.

Alguns dias mais tarde, Pedro Lazão apareceu inesperadamente no sítio «Passarinho». Vinha escanchado no pelêgo vermelho do seu cavalo zaiño, a cara amarela e chupada, com a barba por fazer.

Chegou meio sem jeito, resabiado. Encontrou Vasco sentado na porta da casa, engraxando uma espingarda. Sem apear do cavalo, do lado de fóra da cêrca, Pedro Lazão puxou prosa:

— Ia passano prá i na venda do Biajo, quano vi mecê, aí, sentado e arresorvi portá pra sabê cumo vão ino... Nhá Marvinina, cumo vai? Miorô?

— Por aqui, vai tudo bão. Marvinina miorô, sim graças a Deus! Resta apenas um tiquinho de dô no peito. Mai, isso passa... E os seus, cumo é que tão? — indagou Vasco.

— Ansim, ansim... — Respondeu Pedro Lazão, balançando a cabeça — Mecê tá perparano caçada fóra de tempo, sô Vasco? Tá briano as «ferramenta»? E riu espremido...

— Não! — Respondeu Vasco — Tô apenas tirano um póco da ferruge...

Pedro Lazão riu, de novo e procurando mudar de assunto, acrescentou:

— Êste ano tá cum geito de vim geáda, num é, sô Vasco?... Acho que vem da brába! Daquelas de dexá tudo branco! — E fez um gesto largo, com o braço erguido, abrangendo todo o sítio.

— Quá!... Mai seno da vontade de Deus que venha! — Respondeu Vasco, espiando o tempo — Meu defunto pai sempre dizia que Deus dá o agazáio cunfôrme o friu... A gente há de dá um geito prá guentá, cumo os ôtro...

— Ara!... Eu é qui num vô nisso! — Retrucou Lazão — No ano passado interrei dinheiro e trabáio no meu sítio que num foi vida! Geáda veio i isturricô tudo! Despôis, veio a lagarta... Passô um tempinho, a saúva cabô com resto. Ôta disgracêra! — Pedro Lazão cuspinhou para um lado e continuou: — Deu cáguira, sô Vasco! Discorçoei! Arresorvi vendê tudo! Levô a breca!...

— Uái! Vida de lavradô é ansim mêrmo... — Respondeu Vasco.

— É... Mai eu num guentei! Tive sorte dinda incontrá um home bão cumo o coroné Godenço que arrematô tudo mór de mi sobrá uns cóbrinho junto prá tentá ôtros negócio... Num tenho as terras, mai tomém, num tenho penção!... De noite, drumo feito um capado! — E Lazão soltou uma risada — Ante? Deus me livre! Eu garrava maginá nas dívida, no custêio, na saúva, nas colêta e via os dia crariá, c'os zóio granádo nas cumiera! Agora tô livre, mascateano...

— É... — Respondeu Vasco — Cada quá sabe da sua vida. Cum geada ô sem geada, vô ficano por aqui mêrmo, si Deus quizé! Inquanto eu tivé fôrça prá i tocano, fico na pósse do que herdei.

— Tá sôrtô, sô Vasco! Mecê num vê qui isso num é negócio pôs pobre?... Arrenégo! Mecê tem corage! — Exclamou Pedro Lazão, rindo espremido — Andei intê sabeno que mecê arrecebeu uma perposta bôa pelo «Passarinho»... Fiquei dimirado, quano sube que mecê arre-cusô!

— E' verdade! Arrecebi uma perposta, mai eu num vendo o meu sítio. Num quero vivê feito cigano, de déu im déu...

— Eu num tenho nada cum isso, sô Vasco, mai mecê qué um consêio di quem já véveu muito i tomém já panhô demai por soberba? Tome este: pegue! Pegue o negócio sô Vasco! O coroné Godenço é teimoso i tem fôrça!... Mecê num guenta êle... Quano o coroné cisma, mecê sabe... Ele méxe c'os banco do Guvêrno... Péta daqui, péta de lá, quano a gente vê, tá nos azêdo c'ôêle!...

Vasco Teixeira percebeu, num instante, que Pedro Lazão tinha sido mandado pelo coronel para convencê-lo a vender o sítio e retrucou, irritado:

— Ôie aqui, Pedro Lazão! Eu num tenho nada que vê cum seus negócio, viu? Num sei si feiz bem ô mar de vendê suas terra pro coroné Gaudenço! Tomém num tô

interessado im sabê si o coroné tem ô num tem fôrça; si é ô num é teimoso! Na minha terra eu mando! Já disse prêle qui num vendo o sítio i num perclso de consêio! E' bão mecê vortá prá quem incomendô essa novêna e dizê prêle que êste chão tem dono! Num diânta mecê vim fingindo de amigo conselêro, viu? Eu já sei que mecê tá trabaiano prô coroné!... O que mecê tá quereno é pregá susto im onça, Lazão!

Pedro Lazão estremeceu. Quiz gaguejar uma resposta, mas não pôde. Vasco se levantou e o atalhou, bruscamente, batendo o coice da arma no chão:

— Ôie aqui, Lazão! Vá dizê pro seu patrão qui eu num tô inforcado viu? Quano quizé vendê as terras do «Passarinho» eu memô campêio compradô!

Pedro Lazão vermelhou de raiva. Enterrou o chapéu mulambento na cabeça, deu meia volta na montaria e, partiu, praguejando, entre surdas ameaças.

Depois, as novidades vieram chegando como vêspas ensinadas: uma hoje; outra amanhã — cada qual ferrando mais fundo...

Quando Vasco encontrou o negro Marcelino — dono do sítio «Mirante» — e lhe contou as conversas que tivera com o Coronel Gaudenço e com Pedro Lazão, ficou sabendo o que estava se passando nos sítios vizinhos e pôde avaliar a extensão das manobras do coronel. Vasco ficou assustado.

A convite de Marcelino, tocaram as montarias para um lado da estrada, à sombra acolhedora de uma grande figueira e puseram-se a conversar mais à vontade.

— Ôie, meu caro, — disse Marcelino — tô veno que êsse negócio do coroné Gaudenço tá ficano cumprido... Ele têve lá im casa, antonte, cô essas mêrma perposta. Falô do mêrmo geito. E o Lazão tomém apareceu... Inda agora fiquei sabeno que o coroné andô com essas cunversa nas terra do Torcato, do Jurema, do Anconelli e do Tiago. Disque o Anconelli ficô tão fúlo de réiva qui sôrtô a cachorrada im cima do coroné Gaudenço! — E Marcelino deu uma gostosa gargalhada — Ôvi dizê que o coroné saiu bufano, brábo cumo vespa cassununga!

— Num diga, Marcelino! — Exclamou Vasco com os olhos muito abertos — Entônçe as coisa tão ficano preta?

— Quar! Preta, nada! As coisa tão crareâno, sô Vasco! Agora nós já sabe as tenção do coroné! Ônte, inda, a gente tava co'zôio fechado quenem criança drumino... Agora? Chê!... Nós tá tudo de zóio aberto! — E repuxou uma das palpebras com um dedo.

— É... Isso é verdade, Marcelino! I os ôtro, Marcelino? Qui foi qui os ôtro dissêro pro coroné, heim?

— O Biajo têve mi falâno qui êles tamém arrecusaro. Só o Lazão, qui é muito isganado por dinhêro, fechô negócio cô coroné. Vendeu o sítio e ficô trabaiano de conselêro e de andejo... Poi mecê aquerdita que o incréu teve corage de vendê intê os perdiguêro de istimação? Poi vendeu! Acho que o Lazão inda num vendeu a muié e os fio por causo de num achá compradô!...

— Ôta cabra mitra e isganado! Crédo! — Exclamou Vasco, fazendo cara de nôjo.

— Poi é prá mecê vê!... Agora o Lazão fica mexericanô, iscuitano as cunversa e bebeno pinga nas venda. De noite, êle pega o rumo da Fazenda Véia e vai levá as nuvidade pro coroné Gaudenço! Mai num tem importância, sô Vasco. Quarqué dia nós dá um ensino pr'êle... A parte do Lazão t'aquí, ôie! — E Marcelino sacudiu diante do rosto o rêlho de rabo de tatú — Esta é a parte do Lazão. A do coroné, nós têmô arrumano...

Os dois homens riram gostosamente. Marcelino fez cara séria, mudou o tom da voz e prosseguiu:

— E' por causo dessas coisa tôda qui tão conteceno, sô Vasco, qui arresorvi cunvidá os interessado pra chegá intê lá im casa aminhá de noite. Ansim nós cunversa junto e arresôrve o qui é mió fazê. Já cunvidei o Jurêma e o Torcato; o Tiago foi cunvidá o Anconelli. Hoje mermo eu ia portá no «Passarinho» amô de cunvidá mecê... Incontremo agora: já tá cunvidado! Ôie, sô Vasco, nós tudo tem que tá bem unido e cumbinado amô de guentá o coroné! — E, rindo de um modo significativo, Mareclino acrescentou: — Lambari sôrtô, pêxe graúdo côme, sô Vasco!... Mai, si nós tivé unido, formano uma cumissão pra defendê as terra, o coroné vai tê muita dô di cabeça cá gente!... Nós pôde arresisti e intê cabá cá prosa do coroné Gaudenço! Mecê num acha?

MARIA ROSA OLIVER E A CULTURA ARGENTINA

Entrevista de J. MARTINS

Esteve em São Paulo em princípios de Fevereiro a escritora argentina Maria Rosa Oliver, que foi homenageada pelo mundo artístico de nossa capital, no Clube dos Artistas e Amigos da Arte, num coquetel organizado pelas escritoras Helena Silveira, Maria de Lourdes Lebert e Maria de Lourdes Texeira.

Referindo-se a visita de Maria Rosa Oliver, a escritora Helena Silveira assim se manifesta: "E' uma enamorada de nosso país, contando grandes amigos em meio a família intelectual brasileira. Por isso sua breve estadia entre nós foi marcada pelas mais carinhosas homenagens. E' que essa extraordinária visitante é esplendida no seu poder de paradoxo. Imaginem o que fosse uma paralisia criadora de asas, um silêncio que fosse a fonte inefável de todas as musicas, uma, síntese de corpo em que tivesse a origem de grandezas do pensamento e da alma. E terão a estampa animada dessa escritora que não tem socôgo em seu itinerário de pere-

grina, voltada para aureolados projetos.

José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira também prestaram homenagem a escritora argentina, recebendo-a em sua casa onde, aos presentes, foi servido um coquetel.

Maria Rosa Oliver foi recepcionada ainda nas residências do arquiteto Rino Levi, da escritora Maria de Lourdes Lebert e pelo pintor Flávio de Carvalho em sua casa de campo.

Em companhia de diversos artistas e intelectuais, Maria Rosa Oliver visitou os lugares mais importantes e pitorescos de nossa capital.

—:::—

Nossa reportagem procurou Maria Rosa Oliver afim de saber algo sobre sua visita ao Brasil, sobre o Congresso Continental Americano em Defesa da Paz, assim como alguma coisa sobre o movimento progressista dos artistas e intelectuais argentinos.

Ficamos sabendo, inicialmente que Maria Rosa Oliver já esteve no Brasil em Junho de 1942, de passagem para os Estados Unidos onde colaboraria no Escritório de Assuntos Inter-Americanos, como representantes sul americana na luta contra o fascismo.

— "O ideal que me levou a Washington, — disse-nos — uma vez vencido o nazi-fascismo, entrarmos numa nova era de paz e de progresso, é o mesmo que ora me traz ao Rio para organizar uma conferência de Paz, que permitirá aos povos da América encontrar e expressar os meios para fazer triunfar o ideal que sempre manteve: que as contendas internacionais se decidam mediante arbitragem e negociações e nunca pela violência".

Mas não data da II Guerra Mundial o início da luta de Maria Rosa Oliver contra o fascismo, contra a guerra e em favor da paz. Começou a escrever aos 20 anos. Seu primeiro artigo publicado em "La Nación" versava sobre o expressionismo alemão. Depois se interessou pela escola dos novelistas americanos liderados por T. Dreiser.

Em 1930, quando Ocampo fundou a revista "SUR", pertenceu a comissão de redação. Depois disso suas atividades se desdobraram na luta pelos direitos da mulher, na luta em favor da Republica Espanhola, tendo organizado na Argentina um círculo de amigos afim de proteger os perseguidos de Franco.

— "Agora dedico-me à campanha de defesa da paz. No ano passado estive na Europa como delegado da Associação dos Amigos da Paz ao II Congresso Mundial da Paz, que se realizaria em Sheffield e que, por inconveniente imposição do governo inglês, teve que ser realizado em Varsóvia. Visitei ainda Paris e Praga. Algumas de minhas impressões sobre esse Congresso foram publicadas na revista "Europe", fundada por Romain Rolland.

— "Os seis dias desse Congresso eu não os trocava por toda satisfação que possa ter no resto de minha vida. Foi aí que compreendi porque, hoje em dia, só os que lutam pela paz, e têm certeza de sua vitória, tem alegria".

Desejavamos saber de Maria Rosa Oliver alguma coisa sobre suas atividades literárias.

— "Foram tantas as atividades — esclareceu-nos — que nunca tive tempo de es-

Na gravura, tirada no Instituto dos Arquitetos, vemos a escritora Maria Rosa Oliver em palestra com um grupo de intelectuais paulistas.



Vasco apanhou, rapidamente, o sentido da proposta, do negro Marcelino e sentiu receio de irritar o Coronel Gaudencio, aceitando o convite para a reunião. Ele estava pensando que poderia resolver sozinho o seu problema, sem a ajuda dos vizinhos. Diante daquele convite, não sabia o que responder.

Percebendo a vacilação do amigo, Marcelino insistiu, acrescentando outros argumentos para provar a necessidade da união de todos para derrotar o coronel. Sem coragem para dar uma resposta positiva, Vasco apresentou uma desculpa protelatória:

— Vê pensá, Marcelino... Marvina anda sempre duentete... Num tenho quaje saído de casa... Quem sabe se

apareço otro dia... — E mudando de tom de voz, como quem acha uma justificativa, acrescentou: — O coroné Gaudencio anda abusano do nome do guvêrno... Acho que o guvêrno num vai s'intrometê nêsses negócio do coroné...

Marcelino atalhou ligeiro, com veemência:

— Quar o quê! Mecê tá inganado! O guvêrno tá escorâno o coroné Gaudencio, só Vasco! Eu tive hoje mêmno na cidade e uma pessoa de sustança me agarantiu, isso! Mai, nós num vai chorá! Si o coroné qué barúio, nós vai prá luta! Nós tem que defendê de carqué geito os nosso direito!... Eles tão pensano que já tamo no fim do mundo? Tão inganado! Óie aqui, só Vasco: o guvêrno e o coroné são irmão geme... — E fez um gesto com dois dedos

crever uma novela como sempre gostei, e reunir em livros os ensaios, os artigos e os contos que publiquei. Espero que todo esse tempo em que não me ocupei, como devia, da literatura, me dê, algum dia, suficiente riqueza de termos para que, quando eu me dedique a escrever essa novela seja algo mais que literatura".

Interpelamos Maria Rosa Oliver sobre o desenvolvimento da luta pela paz entre os intelectuais e no seio do povo argentino.

— "Apesar das inúmeras dificuldades com que encontra o escritor argentino, é animador o número de intelectuais que participa ativamente da luta em defesa da paz.

— "Entre os artistas que firmaram o "Apelo Por um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências" constam os pintores Spillinbergo, Soldi, Giambiagi, Berni, Castagnino, o ator Leonidas Barleta, criador do Th. do Povo, o ensaísta Agosti, o grande poeta Lorenzo Varela, atualmente preso por seu empenho na luta pela paz.

"Repito, entretanto, que todos estão de coração conosco, mas se veem travados entre trabalhar pela paz e perder seus empregos.

"Apesar de todos intelectuais não estarem empenhados como devem, o movimento pela paz na Argentina tem uma grande base de massas. Essa base é composta de operários e operárias, jornalistas radicais, comunistas e independentes.

Desejavamos saber também alguma coisa sobre o desenvolvimento do romance, da poesia, da pintura e da música argentina. Ela então, nos fez um relato completo, citando os livros em maior evidência, os artistas, a seu ver, de maior talento da república vizinha.

— "Entre os livros mais comentados atualmente consta o de Ezequiel Martínez Estrada, "Morte e Transfiguração de Martín Fierro", baseado no famoso poema popular argentino. Esse livro se reveste de tanto interesse porque o autor, através do estudo desse poema, assinala os males originários da constituição social argentina. É um livro excessivamente pessimista mas, a meu modo de ver, não negativo, porque, mostrando a origem dos males, os jovens, os que vêm depois, poderão corrigir esses males e superá-los.

"A novela argentina continua estagnada. Destaca-se, porém, a figura de Eduardo Mallea, o qual, penso e talvez porque vivia na cidade, bastante retirado, não reflete em seus livros o processo de transformação e revisão de valores que se está efetuando na Argentina. Neste sentido a novela que mais se aproxima da descrição da convulsão social é "Rio Escuro", de Lorenzo Varela.

"Anibal Ponce foi um escritor marxista que escreveu sobre literatura e educação e que exerceu benéfica influência sobre a nova geração de escritores argentinos. Na linha marxista há escritores jovens de talento, como Acuna, poeta de Misiones. Estes jovens, no momento, não têm verdadeiramente um órgão onde escrever, se bem que nos últimos meses a revista "Propósitos" tenha abrigado produções desses jovens. "Propósitos" é uma revista quinzenal que se ocupa de questões sociais, econômicas, artísticas e literárias.

"Na poesia continuam sendo Pedroni e Molinari, que escreve belos poemas sobre o campo, mas um campo desabitado, sem paisagens humanas...

"No ensaio projeta-se Jorge Luiz Borges, que tem um extraordinário talento literário e uma enorme cultura, mas que cada vez mais se aproxima do erudito, deixando motivos para que se lamente que já não escreva poemas como o fazia a uns vinte anos, nem os contos onde evidenciava seus conhecimentos psicológicos de determinados tipos argentinos, especialmente o "origero", o verdadeiro malandro dos bairros portenhos.

"Na música há bons compositores atualmente. Juan Jose de Castro, que há pouco compôs um belo coral sobre fragmentos do poema gauchesco "Martín Fierro" e também uma ópera baseado na "Sapateira Prodígiosa", de García Lorca. Izidoro Malzteni, que compõe baseando-se em temas

folclórico e I. Ginastera que também teve êxitos na mesma linha.

"Na pintura considero de maior talento, Spillinbergo, apesar de sua tendência abstrata, que não me agrada. Compreendo porém, seu talento nesse setor. Temos ainda Giambiagi, paisagista, com tendência para a escola de Paris. Destacam-se também Butler, Bassaldin, Larco e Raul Soler, este dentro do suave e decorativo com grande firmeza de colorido.

"Entre as mulheres destaco Raquel Forner, que pintou temas de guerra apresentando mulheres com mãos perfuradas sobre fundo de ruínas, transmitindo assim o protesto das mulheres contra a guerra. Nora Borges, que pinta ingenuamente, mas com muito talento e segurança de composição, crianças que parecem anjos e casas que parecem de sonho.

— E sobre o cinema?

"A mesma impossibilidade que parece haver de refletir a vida argentina numa novela, se nota também nas produções cinematográficas. Na Argentina temos bons estudos, técnicos e grande número de bons atores, mas os argumentos, ou são cópias dos êxitos de Hollywood ou adaptações de velhas novelas européias. Portanto, o diálogo sóa falsamente, raras vezes comovem quase nunca transmitem o que temos na natureza e na luta do homem para dominá-la e utilizá-la para seu próprio bem estar e para chegar a ser dono de suas riquezas."

**LEIA
ASSINE
DIVULGUE**

fundamentos

ASSINATURA ANUAL: CR\$ 50,00

unidos — Um nasceu pra iscorá o ôtro!... Nós perloisá tá unido pra guentá os tranco e arrespondê na artura os vexame qui vié! E' baxá a cabeça e têmô perdido!... Mecê num se alembra do qui foi o causo da fazenda «Miraflores»? Poi então! Nós temo cumo gato iscardado! O que o coroné tá quereno é vencê um de cada vez... Mais nós já tá de zólo aberto! — E, depois de uma pausa, acrescentou: — Mecê qué ficá sozinho, fique! Nós vamo lutá unido pra guentá êle de carqué geito! — E arrematou, cheio de confiança: — Num há coroné nem guvêno que guente o povo unido, só Vasco! Nós têmô bobeano ca faca e o quejo nas mãos!...

Vasco respondeu, envergonhado:

— Num é isso Marcelino! Num tô quereno ficá sozinho! Eu vô pensá no causo... Nós num deve tomém tá ponhâo lenha na foguera sem pensá bem premêro!

— Mecê adescurpe só Vasco, mais mecê tá cas idêia

trapalada! Nós num tá pertendeno ponhá lenha na foguera! — Exclamou Marcelino — Quem tá cum arte é o coroné! Nós num provoquemo! Ele é qui tá mexêno no vespêro! Nós tava tudo quêto, trabalhano... Ele é qui garrô a trelê cá gente amô de robá nossas terra!...

— Eu sei!... — respondeu Vasco — Eu sei qui num provoquemo, mai acho que o coroné num vai longe cum essas coisa... Ele desésti, vênô quenum querêmo fazê negócio cum êle. Tô imaginano qui o causo do guvêno é prosa do coroné Gaudenço. Ele qué assustá a gente, Marcelino!

— Mecê aquerdita nisso, só Vasco? Tá bão... Intão inspere... Si acauso mecê tivê argum incomodo i mudá de idêia, apareça no «Mirante». Depoi das sete da noite, tem sempre gente cunversando...

Marcelino se despediu. Vasco, pensativo e envergonhado, seguiu o seu caminho, no passo lérdo da mula.

SIQUEIROS E A PINTURA MEXICANA

JEAN MARCENAC

Ao encontrar David Siqueiros pela primeira vez, é preciso antes de tudo que a gente se defenda do que eu chamaria de tentações pré-colombianas. O homem as desperta mais do que nenhum outro. Imaginem um grande corpo, com pernas finas e longas, um peito profundo de índio que cresceu procurando este ar rarefeito dos Andes que é preciso ir buscar longe, à força de pulmão. E, sobre tudo isso, uma cabeça esculpida como as que se pode ver nos muros misteriosos dos templos maias, bronzeada, de maçãs salientes, a curva asteca do nariz e, coroando o perfil de águia, apenas os cabelos frisados que falam do sangue espanhol. Se lhe falassem de Quetzacoatl, entretanto, a serpente coberta de plumas, que foi o deus dos toltecas, por eles alimentada de flores, ou de Huitzilopochtli, que os fiéis astecas cobriam de sangue; creio bem que Siqueiros não recusaria uma resposta, mas fazendo ver que, para a pintura mexicana, é muito mais importante acompanhar o que acontece nos sindicatos do México moderno.

Eis aí uma primeira lição — tanto de Siqueiros quanto de Orozco ou de Rivera, herdeiros de uma tradição que, mais que outra qualquer, poderia levar ao mistério, ao inefável, ao enigma insolúvel, ao que se costuma chamar um tanto levianamente, o inconciente. Os pintores mexicanos recusam a tentação da noite. Deixam a André Breton a preocupação de epilogar sobre os versos de Apollinaire: Tu jamais conhecerás bem os maias, e de descobrir que eles fazem a parte do enigma na emoção que nos dá a obra de arte, a parte em que, de bom ou mau grado, é preciso reconhecer a parte do leão — no caso, do leão-homem ou da mulher-águia — a parte da esfinge. Esta exegese prova apenas que, diante do homem dotado de razão, André Breton sempre se sentiu um pouco antropófago. Os descendentes dos maias, por seu lado, falam de modo inteiramente diverso. E creio que é importante, vindo de um homem como David Siqueiros, no qual revive hoje a grande arte do México de antes da conquista espanhola, ouvi-lo dizer a que preço de atenção e de análise, de raciocínio, foi-lhe permitido reencontrar esta fonte primeira. No momento em que, contra a verdadeira pintura, a que tem alguma coisa a dizer, a representar, contra a razão falando a sua linguagem pictórica, mobilizam todas as manifestações do irracional, dos primitivos aos ingênuos e às crianças, é extremamente saudável para os que se pretende assim confundir, escutar — a propósito de crianças, precisamente — David Siqueiros quando diz: Nem os gregos, nem os pré-colombianos da América, nem os artistas da Renascença, nem os artistas franceses

do período néo-clássico e romântico (Ingres, Delacroix) jamais exaltaram a obra das crianças, dos diletantes e dos amadores como uma manifestação de valor absoluto... Livres do snobismo, tinham o sentimento profundo do profissional que corresponde a todas as épocas florescentes da arte. Foi o snobismo dos formalistas do princípio do século que primeiro exaltou e idealizou esta produção, precisamente para justificar suas próprias fraquezas.

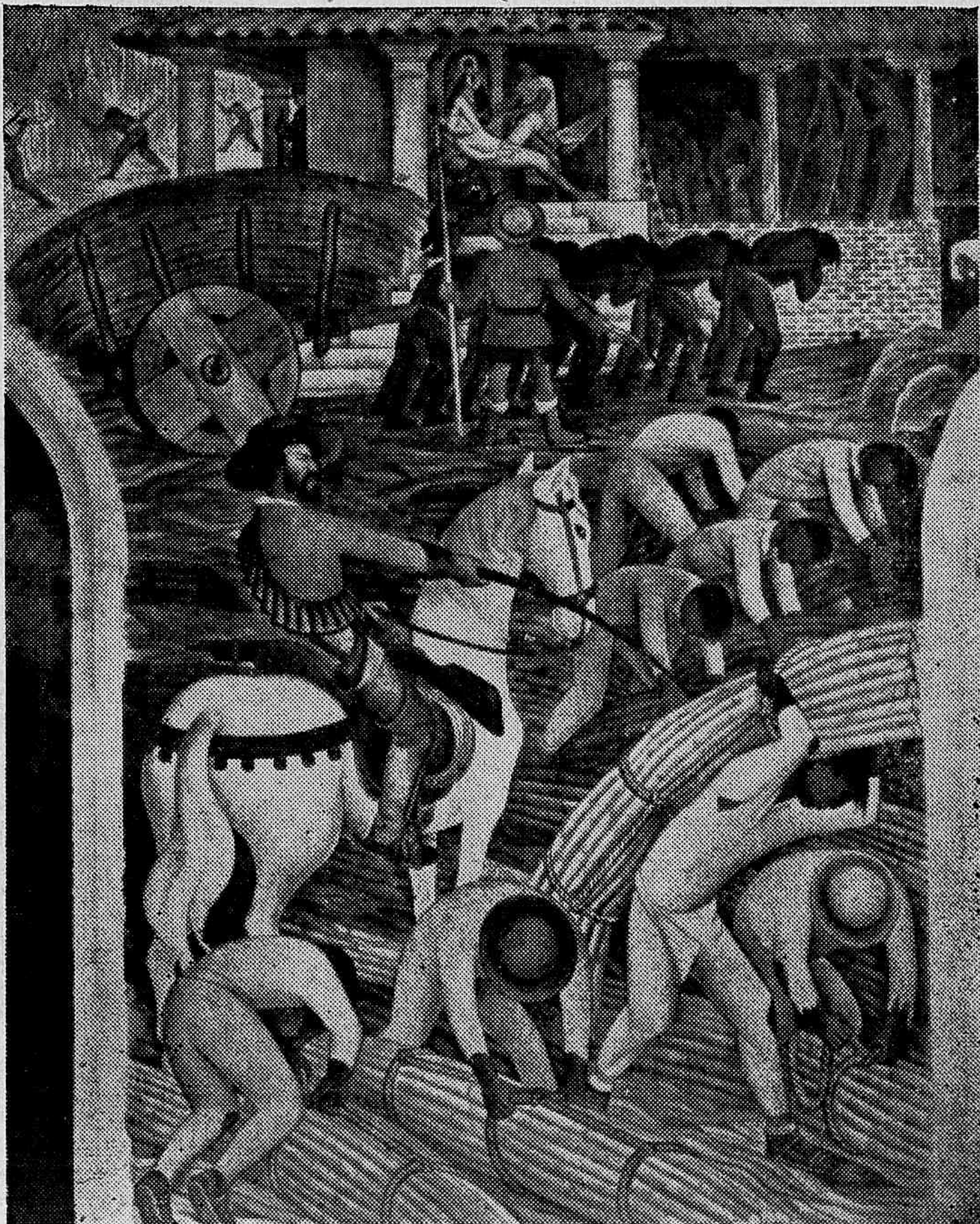
Assim fala Siqueiros que teria, reconheçamos, maiores direitos de fazer-se o iniciado, o introdutor de mistérios do que os que ouviram falar dos Incas como um bom negócio pelo seu comerciante de quadros, ou tomaram contacto com os astecas através das cerâmicas do Museu do Homem ou dos livros de Antonin Artaud. Neste sentido, há muito mais que simples informações sobre a arte do México contemporâneo

nas obras e na vida de Siqueiros. Há todo um ensinamento que vale para todos os pintores e para todos os países.

—●—

Os problemas da pintura no México? diz-me Siqueiros. E' preciso contar uma história de 40 anos para fazê-los compreender. Uma história que começa em 1911. Neste ano, na Escola de Belas Artes — eu tinha então 15 anos — nós fizemos uma greve pedagógica e política. Gritávamos: «Abaixo os académicos! Abaixo a ditadura!» e pedíamos, ao mesmo tempo, a supressão dos métodos antigos de ensino e a nacionalização das estradas de ferro. Depois a nossa greve se estendeu. Mais de 200 estudantes foram presos. Fecharam a escola. Nós expúnhamos os nossos desenhos nas praças públicas. Foi o primeiro contacto com o povo.

RIVERA



Siqueiros fala lentamente. Às vezes procura as palavras, nunca as idéias. Sente-se que ele está diante da própria vida como diante de uma história muito clara, sobre a qual refletiu muito tempo, cujo sentido conhece maravilhosamente. A direção desta existência tumultuosa e plena de aventura, é toda penetrada de razão, iluminada e conduzida pela razão.

Em 1912, diz ele, é o triunfo de Madero e da revolução democrática. São suprimidos os métodos acadêmicos de ensino da arte. Uma nova escola se abre, uma escola ao ar livre. Com ela o Impressionismo fez sua entrada no México.

Mas, em 1913, um golpe militar depõe Madero e a escola torna-se um centro conspirativo contra o governo. A repressão foi feroz. Os estudantes que escapam à execução ou à cadeia, sentam praça no Exército da Revolução Mexicana, sob as ordens de Obregon, de Pancho Vila, de Zapata.

Não foi tempo perdido para a pintura, prossegue Siqueiros. Percorrendo o país com o exército, apredemos concretamente a sua geografia. Sua arqueologia tornou-se para nós uma coisa precisa, viva. Pudemos tocar com as mãos a arte antiga do México, a arte maia, a arte tolteca, tão importante para nós quanto possa ser a arte grega para os artistas franceses. Foi para todos nós um periodico capital. Aprendemos a conhecer os homens de nosso país, tomamos contacto com os índios puros do Interior. Antes, vivíamos com o corpo no México e a cabeça longe, na Europa, despedaçados como perpétuos turistas mentais. Estávamos maduros para o mais completo cosmopolismo. A experiencia da guerra nos devolveu nosso país, nos enraizou em sua terra. E, em 1918, no Congresso dos artistas-soldados, compreendemos que éramos artistas-cidadãos e que a boêmia nada significava.

Sem dúvida, nem tudo era claro. Sabíamos o que não se devia fazer mas ainda não sabíamos o que era preciso fazer. Ignorávamos o que se fazia na Europa. Por isso, em 1919, vim a Paris como adido militar do México. Orozco foi para a Espanha. Em Paris encontrei Diego Rivera. Graças a este contacto, estabeleceu-se a ligação entre o post-cezanismo europeu e as aspirações de que eu era portador, as aspirações dos jovens pintores mexicanos desejosos de uma nova arte social. Deste encontro com Diego Rivera, nasceu o famoso manifesto que reclamava uma arte monumental, a retomada das grandes tradições da arte pré-colombiana, a reconquista do caminho nacional que era preciso reencontrar, longe dos erros do cosmopolitismo e da chatice da arte colonial.

Começou assim a pintura mural no México. Ela não era então o que é hoje e os nossos assuntos ressentiam terrivelmente a influência dos muralistas italianos anteriores à Renascença. Diego Rivera pintou, nesta época, um afresco sobre a Eternidade, Orozco uma Madona e eu um Anjo cercado dos quatro elementos. Éramos ainda uns românticos em arte, sem dúvida porque éramos românticos em política.

A evolução processou-se sob a influência do Partido Comunista. Um dos seus dirigentes aconselhou-nos a fundar um sindicato de pintores. As discussões no sindicato ajudaram a pintura a marchar para temas mais imediatos e mais atuais. Em 1924, foi criado o órgão deste sindicato, El Machete, de que fui diretor.



David Alfaro Siqueiros nasceu em Chihuahara, no México, em 1898. Combateu no exército revolucionário de Carranza e no Exército Republicano espanhol onde atingiu o posto de coronel. Ao lado de seus compatriotas Orozco e Rivera, dos franceses Picasso, Bracque e Matisse, dos brasileiros Portinari e Segall, é considerado um dos grandes pintores do nosso tempo e, talvez, o maior dos muralistas. Prefere, dentre as suas obras, os afrescos da série Retrato da burguesia, Morte ao invasor, e o quadro O pranto do menino. Durante a sua última visita à Itália, onde participou do juri da

Bienal de Veneza, declarou: "Posso dizer que a pintura mexicana, que é uma pintura de conteúdo e de caráter social, foi a primeira experiência deste gênero no mundo capitalista. Mas, também para ela não há outra saída senão ajudar o partido comunista, o partido da classe operária, a conquistar as massas e a tomar o poder. Em suma, não é possível fazer uma arte de tipo social e revolucionário sob a proteção econômica do governo, que é a expressão das classes dominantes nacionais vendidas ao imperialismo, e não é possível contentar-se com um pequeno mercado de caráter turístico e exótico."

Porque, el machete, a faca que serve para cortar cipó e abrir picadas através da mata?

Ela serve para muito mais do que isso:

El machete sirve para cortar la cana
Para abrir las veredas en los bosques
húmbidos

Decapitar culebras, tronchar todas las
[cizanias
Y abatir la soberbia de los ricos im-
[pios...

Achávamos que a pintura mural não era bastante para ajudar a luta do povo mexicano «pelos meios da arte». O outro elemento da arte social devia ser a gravura. E, graças a El Machete, jornal ilustrado em duas côres, nosso contacto com a massa tornou-se muito grande. Tão grande que o governo, que começava a caminhar num sentido reacionário, nos disse: «Ou vocês acabam com El Machete ou nós acabamos com este dilema o nosso sindicato dividiu-se. Este dilema o nosso sindicato dividiu-se. Alguns, com Rivera, diziam: «Asseguremos a pintura mural mesmo que seja preciso vender a alma ao diabo». Outros mostravam-se desiludidos e cansados da política. E outros, ainda, entre os quais eu me encontrava, declaravam: «Se nos recusam os muros, falaremos através das gravuras».

E foi o que fizemos. El Machete continuou, enquanto que eu me encaminhava cada vez mais para a ação política. De 1926 a 31, ao lado de inúmeros outros pintores, organizei sindicatos e dirigi greves. E, ainda desta vez, não foi tempo perdido para a pintura. Tomávamos contacto com a massa popular, um contacto que nada pode substituir. Um artista é como um orador! É preciso saber falar, mas é preciso também conhecer o público a quem se fala de um modo profundo, íntimo.

E esta vida surpreendente, que parece ressuscitar os tempos da Renascença, continua. Expulso do México pela polícia em 1932, Siqueiros se refugia em Los Angeles onde poderá, enfim, realizar uma grande pintura mural, num país novo para ele, cuja industrialização intensa o fará refletir sobre «o anacronismo dos meios materiais de execução na pintura». Daí nascerá a técnica dos murais à piroxilina que o pintor começará a praticar na Argentina, depois de sua expulsão dos EE. UU.. Expulso também da Argentina, ele retorna ao México onde é feito presidente do Comitê contra o fascismo e a guerra, cargo que não pôde

exercer por muito tempo. Em 1935, novamente é obrigado a refugiar-se nos EE. UU., onde organiza uma oficina experimental de arte, em Nova Iorque.

Desenvolvemos, então, diz Siqueiros, uma técnica mecanizada que permitia o trabalho por equipe e rápido, sem prejuízo da qualidade elevada. O Museu de Arte Moderna de Nova York comprou-me seis quadros deste período, alguns dos quais mereceram o segundo prêmio da Bienal de Veneza, logo depois de Matisse.

Estas aquisições técnicas — estamos em 1936 — terão grande utilidade. Começava a guerra da Espanha. Com os colaboradores de sua oficina experimental, Siqueiros parte para oferecer os seus serviços ao povo espanhol.

Ainda uma vez, diz ele, nós nos dividimos. Muitos dos nossos vão servir de armas nas mãos. Eu mesmo comandi a 46.ª Brigada. No coração desta luta do povo espanhol, aprendemos uma linguagem mais ampla, mais universal, não a linguagem do cosmopolitismo, mas a do internacionalismo.

Em 1939, Siqueiros volta ao México para executar um trabalho de encomenda, uma grande pintura mural para o sindicato dos eletricitistas.

Uma encomenda... diz Siqueiros, uma pintura dirigida, digamo-lo, que a palavra não me assusta. Toda a grande arte não foi sempre arte dirigida, a arte grega, a arte da Renascença, a nossa arte pré-colombiana? O que importa é a grandeza daquele que dirige. De tudo o que já pintamos, é esta pintura a que responde melhor ao que queríamos fazer. Os operários que a haviam encomendado, participaram de um modo direto à sua realização, criticando aqui, aprovando mais adiante, ensinando-nos a fazer uma chaminé de usina...

Depois, por dezenas, as obras na escala dos povos e de suas lutas, somaram-se a estas de que falamos, sobre os muros da América Latina. Uma legenda maravilhosa, feita de passado e futuro, cuja luz é, a um tempo, a da história e a da esperança, inscreveu-se para sempre, através delas, indelêvelmente, na pedra, no Chile, no México, na Guatemala. Trazem às lutas de hoje,



Orozco

a lição e o exemplo das lutas de ontem. Com a voz deste Guahtemoc que soube dizer «não» ao invasor (quando Montezuma estava diante de Cortez como Petain diante de Hitler) e mostrar com o punhal e a lança que os vencedores também eram mortais, os murais de Siqueiros dizem não ao imperialismo americano.

E enquanto o pintor, depois de ter-me descrito «Guahtemoc contra o mito» fala deste afresco gigante que está executando no Instituto Politécnico do México e que tem como tema «o homem como senhor e não como escravo da técnica», este afresco dirigido contra a bomba atômica e que fala como Joliot-Curie e diz o que dizem todos os povos da terra, lembro-me de Marmontel, cujas histórias sobre os Incas já ninguém leva a sério, mas que escreveu um dia que a grandeza dos povos andinos está em terem acreditado que os homens eram feitos para serem felizes.

E é assim que no mais distante, no mais profundo da história do seu país, David Siqueiros, pintor de gênio e de razão, reencontrou a idéia que hoje une todos os povos, estes povos que lutam ao lado dos seus artistas para que tenham o direito de escrever sobre os muros as palavras de paz e bem-estar.

“BELA FERRAGEIRA”

A HERANÇA CIENTÍFICA DE PAVLOV

JOÃO BELLINE BURZA

Realizou-se em Moscou, de 28 de junho a 4 de julho de 1950, uma grande sessão conjunta da Academia de Ciências e da Academia de Ciências Médicas da U.R.S.S., dedicada a comemorar o centésimo aniversário do nascimento de Pavlov.

Tomaram parte na Sessão Pavlov algumas centenas de sábios pavlovianos, entre médicos, fisiólogos, pedagogos, psicologistas e filósofos.

As discussões em torno da herança científica de Pavlov transcorreram num ambiente de ampla liberdade de crítica e luta de opiniões, tirando-se no final resoluções da maior importância.

Em primeiro lugar, foi reconhecido oficialmente o valor da escola de Pavlov para o avanço ulterior da ciência em geral e da medicina e fisiologia em particular.

Ao mesmo tempo, foi recomendado a todos os homens de ciência e intelectuais, o estudo das idéias de Pavlov.

Essa tarefa era considerada do maior interesse prático e teórico para os trabalhadores e povos do mundo inteiro.

Partindo do método objetivo e experimental dos **Reflexos Condicionados**, Pavlov pôde chegar à teoria geral da **Atividade Nervosa Superior**, que constitui a concepção fundamental de Pavlov e sua escola.

Com o desenvolvimento das idéias de Pavlov, edificou-se pois a teoria da **Atividade Nervosa Superior** e, a partir desta como base, abriram-se as vias rumo a uma patologia científica, a **Fisiopatologia Córtico-Visceral**.

Os trabalhos de Pavlov e dos sábios pavlovianos, realizados aos milhares tanto em animais como no homem, nos laboratórios e hospitais soviéticos, e reunidos neste meio século, vêm dar-nos também as bases e as perspectivas de estudo para uma verdadeira ciência do homem, para o conhecimento exato do homem concreto.

Veremos, então, que a linguagem, o pensamento, a consciência, só podem ser estudadas, cientificamente, na sua estrutura materialista, fisiológica e dialética.

O resto só poderá ser uma falsa ciência; será uma arte abstrata e uma psicologia, que vai desde a psicanálise até uma sociologia policial e uma psicologia de guerra.

O resto só poderá ser uma cultura desligada das realidades da vida e das causas do povo; uma falsa cultura, porque inimiga do homem, do progresso e da paz.

A ATIVIDADE NERVOSA SUPERIOR

Pavlov afirmava que o animal vive como um sistema no meio ambiente, graças a um equilíbrio entre esse sistema e o meio externo. Este equilíbrio é obtido e regulado pelos hemisférios cerebrais, pela formação, transformação e inibição das associações meio-organismo. Estas associações, ligações meio-organismo, são os **Refle-**

xos Condicionados, que são uma ligação nervosa temporária, entre os inúmeros fatores do meio ambiente, percebidos pelos receptores do animal, e determinadas atividades do organismo.

Pavlov definiu a **Atividade Nervosa Superior** como «a Atividade que assegura as relações complexas do organismo tomado como um todo com o meio exterior». Essa unidade do organismo com o meio exterior, garantida pela **Atividade Nervosa Superior**, é executada pelos hemisférios cerebrais.

Compreender esta unidade e equilíbrio entre o organismo e o meio, unidade necessária para a existência do animal e que ela é feita pelos hemisférios cerebrais, por meio de associações entre os diferentes fatores do meio e o organismo, constitui a base do estudo das idéias de Pavlov.

Esta **Atividade Nervosa Superior** é realizada pelos **Reflexos Incondicionados**, esse número restrito de reflexos formados pelo contato direto dos excitantes com a pele ou com as mucosas, ou com uma superfície receptora em geral, e pelo ilimitado número de **Reflexos Condicionados**, adquiridos no desenvolvimento ontogenético.

Para a adaptação do animal às condições externas, é necessário que o cérebro seja suscetível de perceber o estado dos órgãos internos, de perceber suas exigências urgentes. Os hemisférios cerebrais e principalmente o seu setor mais evoluído, a corticalidade cerebral, é que regulam todo o conjunto das funções do organismo. Este é o fundamento da **Patologia Córtico-Visceral**.

Há uma unidade dialética, pois, entre o organismo e o meio, um se adapta ao outro. Nesta unidade, os hemisférios agem de fora para dentro e vice-versa. Tanto o animal responde às exigências do meio interno, para satisfação das quais a cortex vai agir de fora para dentro, como se equilibra com o meio exterior, se adapta às exigências do ambiente e adquire uma série de «Sinais», de **Reflexos Condicionados**, para se adaptar às condições do meio e adquirir a sinalização dos perigos.

A **Atividade Nervosa Superior**, que é então a atividade dos hemisférios e mais especificamente da cortex cerebral, é um cruzamento incessante dos dois meios, o externo e o orgânico.

Toda atividade do animal é determinada por uma excitação, seja ela interna ou externa. Não existe atividade espontânea, independente do meio orgânico ou do meio externo.

Bykov resume os conceitos da **Atividade Nervosa Superior** com as seguintes características:

— A escola pavloviana concebe o organismo como um todo, não puro e simples, mas um todo indivisível. A característica é a unidade do organismo, sua ligação interna, sua unificação, e não uma soma. A segunda particularidade consiste em que os fatos observados não deixaram mais dúvidas

de que as funções do organismo são controladas pelo segmento superior do Sistema Nervoso Central, não se podendo mais apontar uma função que escape à lei geral. E outro aspecto importante é o que os fatos demonstram: a função coordenadora e dirigente do Sistema Nervoso Central sobre a atividade do organismo veio jogar por terra a contradição entre a vida vegetativa e a vida animal, noção criada por Bichat e seguida pela fisiologia burguesa.

O 2.º SISTEMA DE SINALIZAÇÃO

Pavlov não abandonou o método objetivo no estudo da **Atividade Nervosa Superior do Homem**. De pleno acordo com a teoria evolucionista, ele constata que o homem é o ápice da natureza e que o seu cérebro é a forma mais elevada e a mais organizada da matéria viva, no curso do seu desenvolvimento. Pavlov considerava que renunciar ao determinismo, sob o pretexto de originalidade dos fatos psíquicos, é retornar ao dualismo, a um animismo incompatível com as ciências naturais. Para Pavlov, isto que se chama no homem de **Atividade Psíquica** é o funcionamento superior do encéfalo humano. O fato de que a atividade psíquica, refletindo a realidade objetiva, se manifesta sob formas de atividades externas, de influências, sobre o funcionamento dos órgãos internos e, ao mesmo tempo é vivida subjetivamente, constitui uma prova da unidade do objetivo e do subjetivo.

Pavlov constata que, na evolução do mundo animal, no estágio do homem, a **Atividade Nervosa** atinge um desenvolvimento extraordinário. Si, para o animal, a realidade se sinaliza quase exclusivamente pelas excitações e pelas impressões deixadas por estas, ao nível das células corticais especializadas para a visão, audição e outros aparelhos receptores, no homem, além deste 1º **Sistema de Sinalização**, um novo componente da **Atividade Nervosa Superior** aparece com a **Linguagem**, não podendo ser concebido isolado do 1º Sistema.

O homem, com efeito, se separou do resto do reino animal, pela sua atitude de trabalho e se constituiu num ser social. A **Linguagem** é uma das forças que mais o ajudaram, neste desenvolvimento histórico. A linguagem, as palavras, constituem o 2º **Sistema de Sinalização da Realidade**.

Este 2º sistema constitui um conjunto de sinais que sinalizam os sinais diretos, aqueles que atingem diretamente os nossos órgãos dos sentidos. Ele representa uma abstração da realidade e nos permite a generalização.

É por intermédio desse 2º sistema de sinalização que foi possível constituir a nossa orientação superior humana na natureza, primeiramente pelo empirismo e mais tarde pela ciência.

Pavlov salienta que o 2º sistema de sinalização é determinado socialmente, tanto na história humana como na história individual, mas que ele não subs-



titui o 1º sistema. Os 2 sistemas se desenvolvem nas condições da vida social, em interação permanente. Esta interação é a nossa Atividade Nervosa Superior, no seu todo.

Ivanov-Smolenski, continuador de Pavlov, vem produzindo importantes trabalhos sobre as interações do 1º e 2º sistemas de sinalização, em algumas condições fisiológicas e patológicas.

ESTADO ATUAL DAS IDÉIAS DE PAVLOV — PERSPECTIVAS

Na sessão Pavlov, Bykov disse: «A fisiologia se divide em duas etapas, antes e depois de Pavlov».

Na concepção pavloviana da Atividade Nervosa Superior, estão lançadas as bases da medicina e da fisiologia modernas, pois foi com Pavlov que se abriram as vias para uma fisiologia materialista, passando-se da teoria sintética e unitária da fisiologia animal e humana.

Na evolução das idéias de Pavlov, o problema das relações entre o subjetivo e o objetivo é um dos mais palpitantes e complexos para a fisiologia e a patologia da Atividade Nervosa Superior.

Sobre os fundamentos de Pavlov e sua escola e de uma psicologia materialista o psíquico e o físico são uma unidade dialética.

Diz Ivanov-Smolenski: «As concepções fundamentais da psicologia clássica (o espírito, a vontade, o sentimento) são formadas exclusivamente pelo método descritivo, sem que a morfologia e a fisiologia do cérebro participem nesse fenômeno. A origem da atividade psíquica está, para esses psicólogos, inteiramente coberta de trevas impenetráveis e esta atividade é o produto de uma força enigmática e misteriosa (os instintos, a alma, a força vital)».

A escola pavloviana levanta os fundamentos sólidos que se opõem rigidamente contra a concepção burguesa, medieval, quando quer explicar a fisiologia e a patologia do homem.

Nesta altura, é necessário definir claramente a tendência de alguns defensores da chamada **Medicina Psico-Somática**, os quais tentam unir o freudismo com o método dos Reflexos Condicionados.

Esse «freudismo reflexológico», pleno de um ecletismo dogmático, é absolutamente falso e mistificador.

Foi Pavlov mesmo quem estabeleceu, mais de uma vez, os limites insuperáveis entre a sua doutrina e a **Psicanálise**, assestando pesadas críticas às teorias de Freud.

Pavlov ressaltou a legitimidade de uma **estrutura fisiológica**, na explicação dos processos psico-patológicos. Ele já tinha em vista o mecanismo cerebral no aparecimento das **Neuroses**.

Bykov, atualmente o diretor do Instituto Pavlov, diz textualmente: «A concepção de Freud é estranha aos discípulos e aos adeptos de Pavlov, devido à sua natureza anti-científica».

A fisio-patologia pavloviana permitiu entrar no terreno das **Neuroses Experimentais**. Pela experiência, foram conseguidos exemplos vivos de doenças funcionais do Sistema Nervoso. Animais de laboratório, submetidos a condições difíceis, apresentavam quadros esquemáticos que podiam exprimir um traumatismo psíquico, um choque emocional ou a angústia.

Nesta questão, torna-se importante conhecer os diferentes tipos de Atividade Nervosa Superior, o papel do ambiente social na formação do tipo de Sistema Nervoso e as influências da educação sobre as modificações e peculiaridades desse tipo.

A teoria de Pavlov, relativa às ligações córtico-viscerais, tem encontrado sua aplicação em todo um conjunto de problemas atuais da teoria e prática médicas.

E' justo salientarmos, nesse ponto, o depoimento de doze médicos franceses que visitaram a União Soviética, entre agosto e setembro de 1951.

Declaram eles, unanimemente, que

os médicos soviéticos procuram estabelecer uma teoria científica da medicina, baseada sobretudo no estudo da Atividade Nervosa Superior, assumindo papel relevante as concepções pavlovianas, na clínica, na pedagogia e na psicologia.

A partir das idéias de Pavlov e sua escola, a etiologia e a patogenia das doenças nos aparecem assim debaixo de novos aspectos. Nesta perspectiva, a característica essencial do processo mórbido é ser, antes de tudo, uma perturbação da regulação nervosa.

Numa primeira etapa, este quadro não é mais que funcional e reversível, mas depois, com a ofensa maior sobre a regulação nervosa, este quadro se acompanha de modificações orgânicas, de lesões viscerais.

Os dados da **Patologia Córtico-Visceral**, colhidos tanto clinicamente como experimentalmente se acompanham já de numerosos resultados terapêuticos.

É o dr. Victor Lafitte quem cita, entre os resultados mais espetaculares vistos pelos médicos franceses, o **Parto sem Dor e a Terapêutica pelo Sono**.

Os parceiros soviéticos provaram que, após numerosas gerações um verdadeiro reflexo condicionado se criou e se manteve, ligando o ato fisiológico do nascimento a um verdadeiro estado de ansiedade, sensibilizando a corticalidade da mulher à menor sensação dolorosa ao curso do trabalho de parto. Graças às explicações racionais concernentes ao mecanismo fisiológico do nascimento, graças ainda às medidas de assistência à maternidade, Lafitte afirma que, na U.R.S.S., nos casos normais sem lesões anexas, 90% das mulheres dão à luz sem dor, fazendo assim desmentir a maldição bíblica. E isso, evidentemente, sem a utilização de qualquer anestésico.

A Cura pelo Sono deriva também das

concepções pavlovianas e baseia-se na observação de Pavlov sobre o papel terapêutico da Inibição nervosa. Fazendo dormir o paciente, nas condições técnicas atualmente bem precisas durante uma quinzena de dias, e algumas vezes durante as 24 horas do dia, os médicos soviéticos têm obtido sucessos relevantes, não somente no tratamento de certas doenças nervosas e mentais, notadamente na esquizofrenia, mas também nas afecções orgânicas assim caracterizadas, como a úlcera do estômago, a hipertensão arterial, a angina de peito e a asma.

Este método não constitui naturalmente uma panacéia universal e os pesquisadores soviéticos trabalham para precisar bem as suas indicações em função da natureza da afecção, em função também do tipo de Sistema Nervoso, que eles procuram determinar, por meio de testes objetivos no homem, como Pavlov havia feito para os cães.

Reunindo agora os resultados de muitos anos, da lobotomia, da topecto-

mia, etc., os psiquiatras e neurologistas soviéticos se opõem tenazmente às intervenções ditas da Psico-Cirurgia, tendo sido mesmo postas fóra da lei as intervenções cerebrais no tratamento das doenças mentais. Esses resultados computados não são favoráveis, quer na literatura soviética ou estrangeira, pois essa cirurgia se fundamenta nas tendências localisatórias das funções mentais ao nível apenas de um setor cortical, qual seja o Lobo Frontal.

A concepção pavloviana rejeita essa localização, assinalando que a maestria do gesto cirúrgico mascara a ignorância da complexa funcionalidade cerebral.

Enfim, Pavlov e sua escola marcham para uma concepção integral sintética do organismo, como um todo, e de sua dinâmica. Em lugar do termo ianque «Psico-Somático», de inspiração psicanalítica e que não esconde o seu conceito dualista, julgam designar melhor e cientificamente: «Patologia Córtico-Visceral».

Hoje, a escola de Pavlov, contribuindo para o conhecimento exato do ho-

mem concreto, da fisiologia e da patologia humanas, orienta as suas pesquisas para três direções: a fisiologia do Sistema Nervoso, a transmissão hereditária dos caracteres adquiridos e a ontogênese do Sistema Nervoso Superior.

A escola de Pavlov ajuda a eliminar todas as falsas concepções da hereditariedade, ligadas estreitamente aos nomes de Weissmann, Mendel, Morgan e Wirchow. Existe uma incompatibilidade profunda entre a concepção da Atividade Nervosa Superior e as concepções idealistas, com o dualismo e o néo-vitalismo.

Ela edifica as bases de uma psicologia materialista e realiza a unidade da teoria e da prática nas ciências médicas.

(ESTE ARTIGO É O 1.º DE UMA SÉRIE — ESPECIAL PARA FUNDAMENTOS — EM QUE O AUTOR DESENVOLVE OS PRINCIPAIS TRAÇOS DA DOCTRINA DE PAVLOV E AS REALIZAÇÕES DE SUA ESCOLA.)

GOTTUZO FALA DE PICASSO

RENATO GOTTUZO, PINTOR ITALIANO, CHEFE DA ESCOLA DO NOVO REALISMO, ORGANIZADOR DA FRENTE ÚNICA DA ARTE, PRIMEIRO PRÊMIO PARA OS JOVENS PINTORES DA BIENAL DE VENEZA

PABLO RUIZ PICASSO nasceu em Málaga a 23 de outubro de 1881. Seu pai, José Ruiz, era professor de desenho e serviu-lhe de guia nos primeiros passos; até que em 1903 transferiu-se para Barcelona, cuja Academia de Belas Artes frequentou por algum tempo. Em Barcelona já se fazia notar, seja pela extraordinária precocidade e conhecimento técnico ou como agitador de novos problemas figurati-

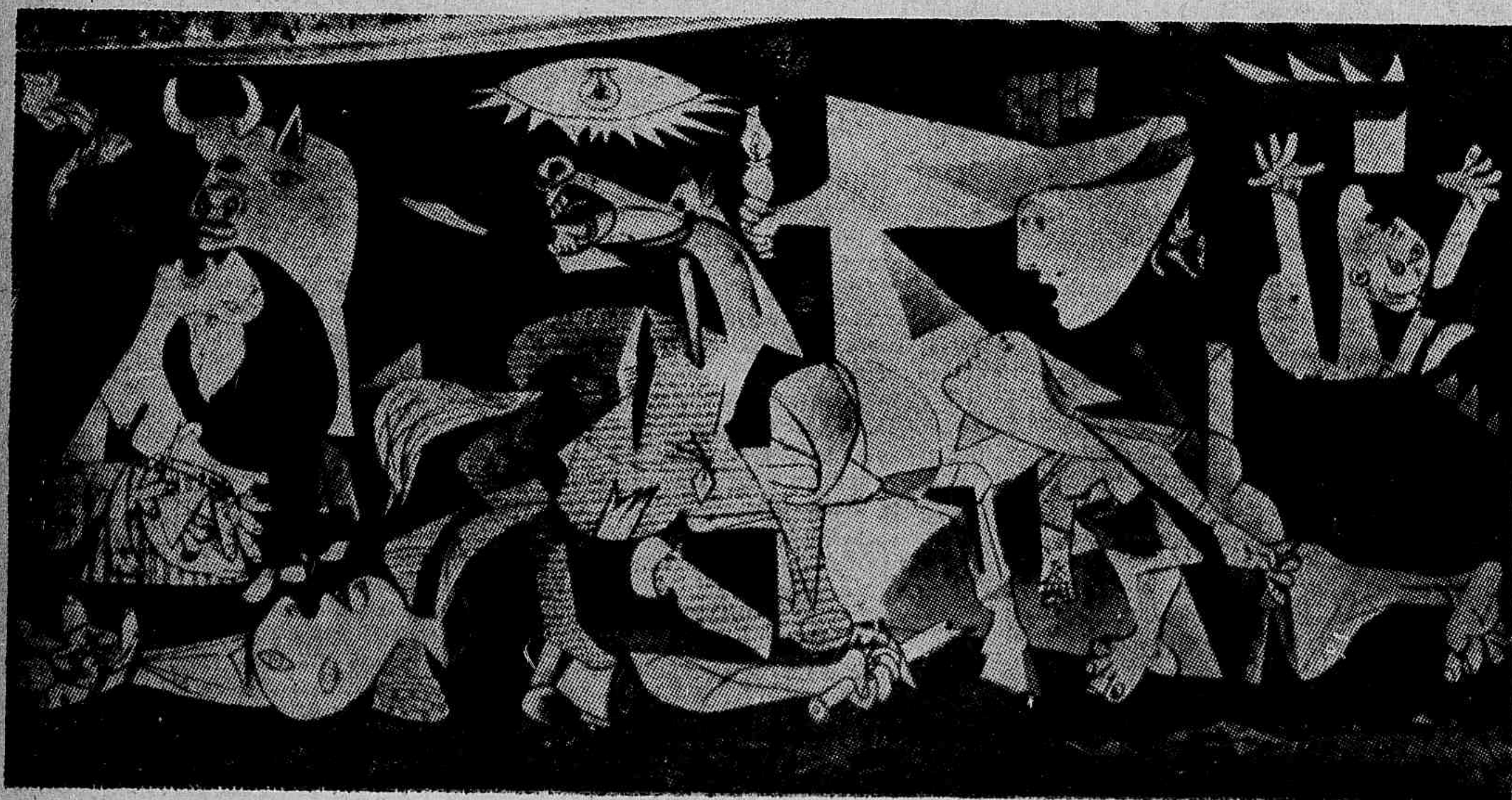
vos. Desde 1903, estabeleceu-se definitivamente em Paris.

Suas primeiras produções, embora fundadas sobre a pintura espanhola do fim do século e no grande pintor e ilustrador francês Henry de Toulouse Lautrec, revelaram desde logo uma personalidade de exceção. Um de seus quadros juvenis mais célebres é o «Menino com uma pomba» de 1901. Neste quadro está a primeira pomba

de Picasso. Nos anos seguintes, sua pintura tornou-se cada vez mais autônoma e o pintor começou a interpretar temas da vida parisiense, dos estudantes e dos artistas pobres. «Namorados» (1904), «O bebedor de absinto», etc.

Conquanto fosse um pintor instintivamente culto, formado nos museus, Picasso tende desde esta época a inspirar-se na vida. Os temas que preferia eram os pobres, os desprezados, e suas figuras exprimem melancolia e miséria. Este período de sua obra é conhecido como «fase azul», por causa da tonalidade geral dos quadros que é baseada toda sobre o azul; em seguida, por volta de 1905/6 continua os temas populares com preferência para pintar pobres saltimbancos. Muda outra vez nesta época a entonação geral de seus quadros para termos aquilo que os críticos em geral chamam a «fase rosa». Picasso com pouco mais de vinte anos está já no centro de um movimento

GUERNICA



que começa a conquistar os jovens artistas. Torna-se amigo de dois poetas franceses, Guillaume Apollinaire e Max Jacob. No ano de 1905 abriu-se em Paris uma grande exposição da obra do pintor Seurat, em 1907 a exposição dos trabalhos de Cézanne. A obra deste último que se apresentava querendo «refazer o museu baseado na natureza» é toda voltada à reconstrução de uma linguagem formal que o academismo tinha destruído. Estas pesquisas levaram Cézanne a abandonar o tema, o assunto, para indagar e exprimir os significados «plásticos» das formas (Cézanne disse um dia: «desejo pintar uma maçã que sacuda toda Paris»). Com ele começa o grande sucesso da natureza morta, com ele abriu-se a estrada do formalismo. Estas duas exposições que propunham uma arte ligada aos valores plásticos e a uma ordem geométrica para a construção e a composição constituem as origens do mais importante movimento do formalismo moderno: o cubismo. A procura de uma linguagem própria da pintura, contra — como diziam — a arte que reproduzia, a arte narrativa que realizava uma tarefa própria da fotografia. Nesta ordem de idéias de procura de valores «puros», essenciais da pintura, inclui-se a descoberta da arte negra. Começou o gosto pelas sensações novas, da arte órfica, do primitivismo hierático o gosto da barbárie. O cubismo teve em Picasso seu protagonista. Braque, o famoso pintor francês seu contemporâneo, desenvolvia a experiência na mesma direção (por volta de 1908/9).

Na nova ordem cubista Picasso entretanto conservava um elemento instintivo e expressivo que não permitiria, nem agora nem no futuro, um absoluto desprezo pela realidade, que, mesmo através de composições e recomposições era reconhecível como o ponto de partida.

Deste momento em diante, Picasso submete a arte da pintura a toda a sorte de experiências. Os «valores plásticos» foram exprimidos com pedaços de jornal e de cartas de baralho colados sobre a tela.

Nos anos imediatamente depois da I guerra mundial Picasso colabora nos «boletins russos», em Paris, e faz sua primeira viagem a Itália. São desta época as obras nas quais se nota uma volta ao classicismo que culminam nos trabalhos executados em 1923. Em seguida, o cubismo de Picasso se transforma; enquanto o mundo suporta experiências como o nazismo e o fascismo, na dissolução e corrupção das democracias capitalistas, enquanto a URSS desenvolve a dura luta pela edificação socialista, Picasso começa a produzir os seus monstros. Passa, com os próprios meios que lhe fornece a decadência da sociedade burguesa, à crítica desta mesma sociedade. Avizinha-se cada vez mais dos grupos politicamente progressistas e põe-se nas fileiras do governo republicano espanhol.

Durante a guerra civil fica do lado do seu povo produz um série de água-fortes intituladas «sonhos e mentiras de Franco» e pinta o gran-



PICASSO, FASE AZUL

de painel «Guernica» que figura como único ornamento do pavilhão da Espanha vermelha, na exposição de Paris de 1937.

Esta obra é o sinal da adesão explícita de uma arte, que se tinha conservado suficientemente aristocrática e autônoma para não imiscuir-se nos problemas e na luta do homem num episódio da luta moderna pela democracia, por uma justiça maior. O bombardeio de Guernica foi uma demonstração geral do bombardeio indiscriminado de cidades indefesas e populações inermes.

Desta época em diante Picasso tornou-se o ponto de apoio de centenas de comunistas espanhóis refugiados.

Durante a ocupação alemã da França permaneceu em Paris, recusando-se a refugiar-se na América e desafiando o invasor. Os nazistas não ousaram tocá-lo porque tiveram medo de sua fama e do seu enorme prestígio mundial. Quando a Gestapo, que o vigiava, interrogou-o, ao nazista, que mostrando uma reprodução da Guernica lhe perguntava: «Foi o senhor que fez isto?» ele respondeu: «Não, isto foram os senhores que fizeram». Pois o bombardeio de Guernica tinha sido realizado por aviões alemães. Desde 1945 Picasso é membro do Partido Comunista Francês. Em 1947 foi membro do Conselho Mundial da Paz e prêmio Mundial da Paz em 1949.

DUAS ENTREVISTAS

BRAULIO PEDROSO

Em início de fevereiro estiveram de passagem por São Paulo quatro astros do cinema francês, Arletty, Michel Auclair, Daniel Gelin e Brigitte Auber, e dois astros do cinema americano, Howard Keel e Kathryn Grayson. Foram duas entrevistas e bem diversas, na forma e no conteúdo. O que disseram, o que puderam dizer, o que não quiseram dizer, nos proporciona um interessante elemento de confronto.

Preliminarmente, gostaríamos de transcrever alguns comentários feitos pelos jornais dessa capital. Na «Folha da Noite» e no «Diário da Noite» de 7 de fevereiro saíram as seguintes considerações: «Os artistas franceses têm sobretudo, a encantadora virtude da simplicidade. Cada um deles é ele, mesmo, sem policiamento, sem pose, sem agentes de propaganda e o aborrecimento dos textos escritos, entregues previamente. São homens e mulheres, só isso, são maravilhosos. Viva a França!» Um outro comentário diz: «estivemos em contactos com todos eles. Preferimos os franceses». E mais adiante...» na entrevista (com os americanos) organizada ontem, muito cacete mas muito bem arrumadinha, com convites, lugares, certos para ficar, perguntas previamente escolhidas e tal e tal.» Comentários similares saíram também na «Folha da Manhã», no «O Tempo», na «Folha da Tarde», etc.

Um balanço superficial do que foi dito, nos leva a uma simples consideração de maior ou menor simpatia. No entanto, existe alguma coisa de mais sério e concreto atrás disso tudo. De início, analisemos as entrevistas dos americanos.

KATHRYN GRAYSON



KATHRYN GRAYSON E HOWARD KEEL

«O aborrecimento dos textos escritos, entregues previamente»... Não houve perguntas e os dois astros americanos nada declararam, posando apenas para os reporteres, pois os seus pensamentos foram previamente distribuídos pela Metro. Vejamos o que dizem essas pseudo-reportagens: «Howard Keel tem um metro e noventa e dois de altura e pesa nada menos de 120 quilos. Calça sapatos 48 bico largo...» e continua uma série de considerações sobre as roupas que preferem, etc. Além dessas contumazes asneiras dos departamentos de propaganda para imbecilizar o público, saíram também jactanciosas declarações em que os super-homens se vangloriam de ignorar os inferiores nativos...» disse Kathryn Grayson da falsa imagem que os americanos tem do Brasil e, em geral da América do Sul. Quando fala em seus patrícios, Kathryn faz questão de frisar que até personalidades importantes ignoram o que sejam as cidades da América Latina.» Mais séria ainda, foi uma declaração emprestada a Howard Keel: «Na minha opinião o melhor filme realizado em Hollywood foi... «O vento levou». Tudo o que o cinema possa oferecer para qualquer sensibilidade, aí está, a mancheias. E com uma excelência única: não tratou de política. De resto sou contra temas políticos no ecran... Cinema, numa palavra, é arte e não panfleto». O nosso amigo de «um metro e noventa e dois», devia ao menos pedir umas declarações mais bem argumentadas, para seus patrões. Na sua «opinião» a defesa do latifúndio, da sociedade escravagista, em «E o vento levou», não é fazer política, é arte pela arte. Seria também difícil de explicar para o nosso amigo de «sapato quarenta e oito bico largo» que um filmezinho como o que trabalhou «Barco de Ilusões», com suas ingênuas canções bem orquestradas e gente bem arrumadinha, é escapismo de uma ideologia de classe, sustentáculo de um regime podre. E também exigir demasiado, de alguém que considera Buenos Aires capital do Brasil.

Aí está o retrato de Hollywood, ou melhor, da civilização ocidental cristã, onde os homens para sobreviverem tem que se despir de toda personalidade, de por de lado qualquer sentimento de liberdade, para então obterem as boas graças dos patrões, repetindo e propalando os seus pontos de vista.

A SIMPLICIDADE DOS FRANCESES

Para se falar com os artistas franceses não era necessário convite espe-



BRIGITTE AUBER

cial. Chegaram cansadíssimos da viagem e nem por isso se negaram a falar com quem quer que seja.

Os franceses, não só conhecem bem geografia, como também estão cientistas do nosso democrático e liberal regime. Foi o que de pronto percebemos, pelas suas maneiras esquivas de dizer as coisas. Michel Auclair, por exemplo, indagando sobre a crise do cinema francês, respondeu evasivamente: «Os motivos são tantos, que eu me sinto incapaz de assinalar um, sem que caia em erro». E sobre estes inúmeros motivos perguntou-se se o acordo Brum-Byrnes, não estava incluído neles. Auclair respondeu afirmativamente. Perguntamos sua opinião a respeito da situação internacional, se não era um dos motivos também. Nisto o adido cultural da embaixada francesa, esqueceu-se de sua função de interprete, e nos disse que absolutamente a situação internacional não intervia na crise do cinema francês, que nem era preciso perguntar a Auclair. Mas fomos insistentes. O jovem ator francês disse que a situação internacional influiu...

Daniel Gelin considera «Conflitos de Amor», filme que interpretou, cosmopolita. E cinema na sua opinião deve ter características nacionais para ser internacional, e acrescentou ainda, cinema é algo sério, de um valor social inestimável.

«A CRISE DO CINEMA FRANCÊS NÃO É UMA CRISE DE QUALIDADE»

Foi com este título que Georges Sadoul, o maior crítico francês, publicou um artigo no «Lettres françaises». Sadoul comentava que das cem produções anuais francesas, vinte eram de qualidade. E desafiava, que houvesse entre os quatrocentos filmes da produção americana, dez que pudessem competir com estes. No entanto, ao olhar para as casas de exibições de Paris constava que 55% delas exibiam películas americanas.

E foi justamente sobre a qualidade do cinema francês que a veterana e incomparável Arletty, nos falou: «O filme francês goza de uma imensa popularidade na França, acentua Arletty, justamente pela sua alta qualidade. Nenhum filme americano, com toda possível e imaginável propaganda, consegue superar em bilheteria os sucessos do cinema francês». Confia na qualidade e no imenso movimento popular em torno do cinema francês. E disse que para o livre desenvolvimento artístico do cinema era necessária a manutenção da Paz.

Apezar dos pesares, os franceses declararam coisas bastante interessantes, bem mais uteis do que saber que fulano gosta aos sábados de jogar golfe e que fulana adora dar festas de criança.

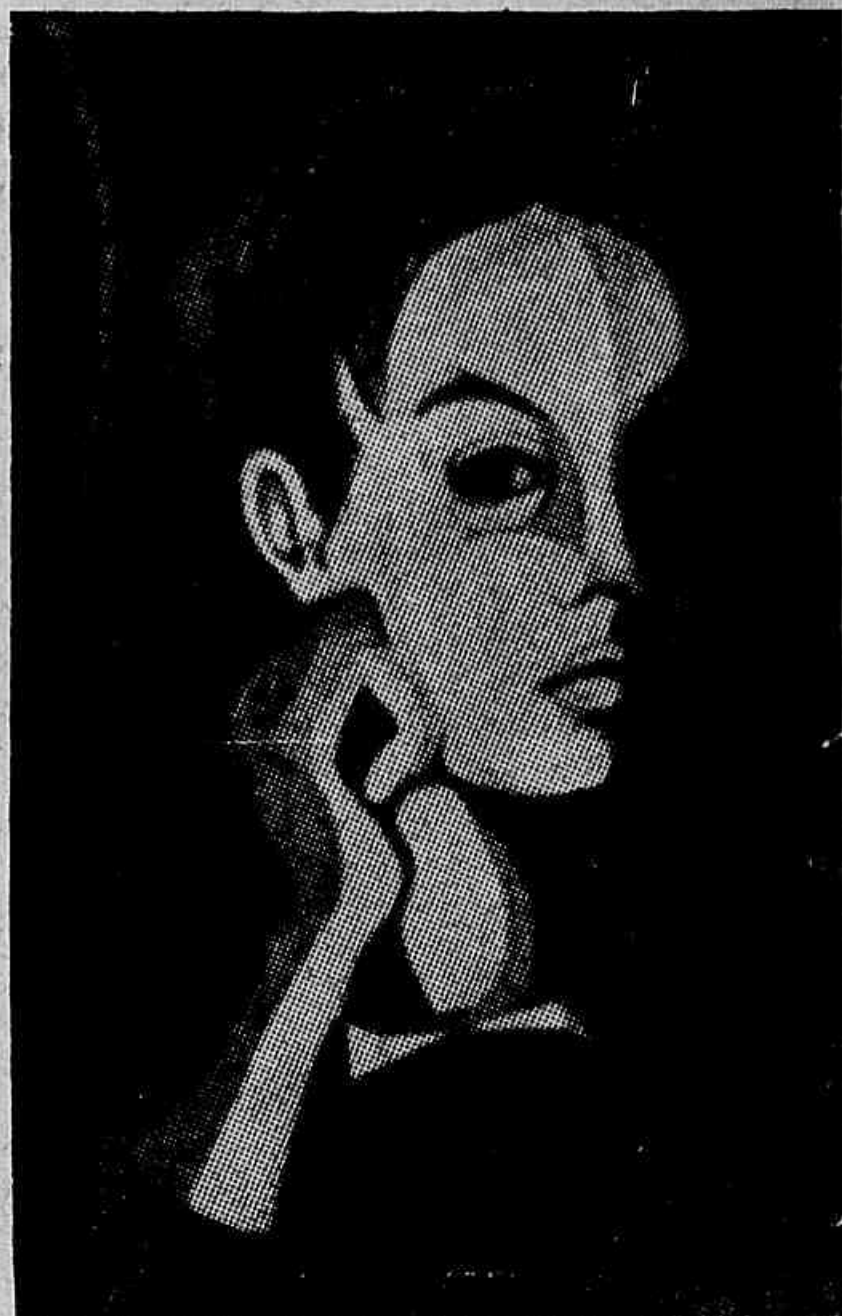
Enfim, destas duas entrevistas restam-nos a imagem viva do mundo ocidental cristão, automatizando e bestificando uns e intimidando e constringindo outros.

CONGRESSO DE CINEMA

Dando curso à proposta apresentada pela Associação Paulista de Cinema nas Mesas Redondas de Agosto e Dezembro do ano passado, e apoiada pela Mesa Redonda de Novembro de 1951 na Capital Federal, técnicos e trabalhadores de cinema, empresas produtoras, organizações profissionais e culturais do Estado de São Paulo convocam para os dias 28, 29 e 30 de Março do corrente ano o PRIMEIRO CONGRESSO PAULISTA DE CINEMA BRASILEIRO.

O temário do Congresso encerra os problemas ligados à Defesa e ao Progresso do Cinema Nacional, nos setores econômicos e cultural.

Pedidos de informações e entregas de teses devem ser feitas na secretaria do Congresso, que funciona na rua Conselheiro Crispiniano 105 - 8.º andar conj. 83.



EXPOSIÇÃO CARLO HAUNER — No Museu de Arte expôs, durante o mês de fevereiro, o jovem pintor Carlo Hauner, uma série de telas sobre motivos brasileiros, de tons quentes e construção sólida, nos moldes da escola do novo realismo italiano. Carlo, que já se encontra entre nós há algum tempo, obteve significativo êxito nesta primeira mostra. O clichê que publicamos, é um auto-retrato do pintor.

RENINA KATZ

Inaugurou-se dia 18, no Salão Pequeno do Museu de Arte, à rua 7 de Abril, 230, uma exposição de 27 desenhos e gravuras em metal, pedra, madeira e linóleo, de Renina Katz artista que no último Salão Nacional conquistou o prêmio de viagem ao país.

Os trabalhos de Renina, expostos no Museu de Arte, abordam temas da vida de nossos trabalhadores e camponeses, paisagens do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo e retratos. São dignos de referência especial os trabalhos:

O vendendor de Samambaias, O Jornaleiro, Trabalhador comendo, Salinas, as paisagens da Bahia e algumas figuras de mulheres.

A mostra, que está causando vivo interesse nos meios artísticos da capital, estará aberta até 31 de corrente.

PRISAO DE ALFREDO VARELA

Desde meados do ano passado encontra-se recolhido à prisão de Vila Devoto, n. Argentina, o romancista Alfredo Varela, acusado de crime de imprensa pelo regime de Peron. Seus amigos fundaram recentemente um comitê em prol da sua libertação que vem desenvolvendo atividade intensa e já conseguiu reunir um considerável número de intelectuais de diversos países. Alfredo Varela foi preso ao voltar de uma viagem pela Europa, onde fora tratar da publicação do seu famoso romance "Rio Oscuro".

MEIO MILENARIO DE NASCIMENTO DE LEONARDO DA VINCI

Este ano a Italia celebrará o meio-milenário de Leonardo da Vinci.

Uma comemoração também está sendo prevista na França, onde Leonardo passou os últimos anos de sua vida e onde morreu, em Amboise, maio de 1519. Os grandes quadros de Louvre serão reunidos com uma seleção de desenhos na "sala dos sete metros", uma exposição do "Renascimento no Val-de-Loire", organizada em Tours, mostrará o estado da arte francesa no começo do século dezesseis. Um colóquio científico, anunciado em Paris para julho, será seguido de um congresso dos historiadores do Renascimento, que de castelo em castelo, chegarão a Amboise onde serão apresentadas algumas lembranças e desenhos.

Consertos de música do Renascimento acompanharão estas festas em Paris e em Tours.

FUNDAMENTOS começa neste número as homenagens que prestará à memória do gênio do Renascimento. No próximo número de abril — o mês de Leonardo — oferecerá a seus leitores e assinantes uma reprodução a cores de *Retrato de Mulher* em página solta, além de matéria variada, notas biográficas, opiniões e atrigos sobre a importância da obra de Da Vinci.

ECLIPSE DO SOL

"Sessenta cientistas e milhares de nativos aterrorizados presenciaram o eclipse do sol" — diziam os telegramas de Kartum, de 25 do corrente. Kartum é a capital do Sudão Anglo Egípcio, país "criado" pelo imperialismo inglês de onde, mediante o controle das nascentes do Nilo, ameaçou o Egito durante meio século para manter o domínio sobre o canal de Suez.

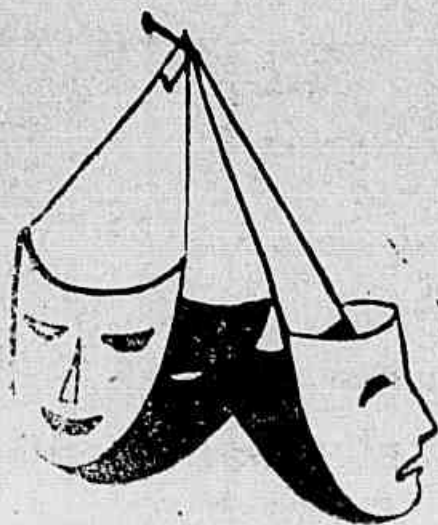
"Milhares de nativos aterrorizados"... dão o testemunho da missão cultural dos ingleses colonialistas. O mesmo telegrama pormenoriza:

"Ao começar a escuridão, aumentou o ruflar dos tambores africanos, e os indígenas diziam que estavam procurando 'afastar os demônios'. Nesta capital, muitos habitantes maometanos começaram a rezar.

"No Sul do Sudão, onde o eclipse foi somente parcial, as tribos dos 'Dink', 'Nuer' e 'Bari', sacrificaram bois, implorando o 'auxílio dos deuses contra os demônios'.

E os sessenta cientistas? "... estudaram os efeitos do eclipse nas transmissões de rádio, no estado do tempo e nas irradiações cósmicas." Mas o grande valor desses estudos, remata a notícia, está no "desenvolvimento futuro dos projetos dirigidos e dos foguetes". Para a guerra, dizemos nós. Os sessenta cientistas veem nos eclipses, como quer o imperialismo inglês, um campo para o desenvolvimento de armas, projetos, foguetes!

Enquanto as coisas forem assim, a platéia para os eclipses há de ser composta principalmente de "milhares de nativos aterrorizados".



“MASSACRE”

MIROEL SILVEIRA

Tenho traduzido muitas peças, em minha penosa e feliz vida teatral. Nenhuma me entusiasmou e comoveu como «Massacre» — Montserrat — em francês — que Graça Melo e seu «Teatro de Equipe» estão representando há mais de cinco meses, no Rio e em São Paulo. Transcorre sua ação em 1812, ano em que se travaram na Venezuela as primeiras guerras da independência; não existe, no entanto, texto mais atual. O problema dos personagens ainda é o mesmo de hoje: que caminho devemos escolher, se num deles está a liberdade, a liberdade talvez hipotética de um grupo humano, se no outro está a existência de criaturas que não pensam nem sabem pensar coletivamente, e querem apenas existir?

A situação dramática da peça elucida melhor a pergunta.

Montserrat é uma oficial espanhol, inteligente e sensível, que se horroriza com os sanguinários métodos de repressão usados pelo seu exército afim de conter a revolução de independência venezuelana. Certa noite, sabendo o lugar em que se encontra cercado Bolívar, vai ao seu encontro, convence-se de que é ele o único chefe capaz de libertar aquele povo da opressão, e dá-lhe fuga, ocultando-o em outro lugar.

Izquierdo, seu comandante, toma conhecimento dessa traição. Prende Montserrat e como sabe que ele, mesmo sofrendo as piores torturas, não confessará o lugar em que ocultou Bolívar, recorre a um expediente diabólico: manda prender ao acaso as primeiras seis pessoas encontradas na rua, e ameaça de fuzilá-las uma a uma diante de Montserrat, até que este se resolva a dizer tudo.

Os reféns, apanhados ao acaso, são um pobre oleiro, que aprendera com os índios a arte de fazer jarras sonoras, capazes de imitar a voz dos animais que representam; um ator espanhol, Juan Salcedo Alvarez, fiel súdito de Sua Magestade, e por isso duplamente inocente, segundo o critério de Izquierdo; um rico negociante, Salas Ina, dono de muitas casas, rebanhos, fazendas e de uma linda mulher; um rapaz do povo Ricardo, que tem apenas dezessete anos mas já viu seu pai ser assassinado pelos espanhóis; uma índia silenciosa e enigmática, Elena; e uma jovem mãe, que deixou à sua espera dois filhinhos, um deles de côlo.

Diz Izquierdo a Montserrat:

— Escolhe! Ou dizes o lugar em que Bolívar se ocultou, ou eu os matarei um a um... Todos. Todos.

Quando Montserrat lhe suplica que não faça isso, que os deixe partir em paz porque não são culpados, porque nada têm a ver com a situação, Izquierdo responde:

— São culpados, sim. Culpados de inocência. Quanto mais inocentes eles forem, melhor servirão ao meu plano. Então? Queres confessar?

Montserrat tem diante de si os dois caminhos: num deles, aquelas seis vidas humanas com toda as coisas que representam de real e pungente; e no outro a liberdade de todos os povos sul-americanos para os quais a vida de Bolívar era decisiva, significando sua última oportunidade...

Ele se cala, e o oleiro é fuzilado. Depois, Izquierdo propõe ao comerciante um negócio: se lhe entregasse

a bela mulher, deixá-lo-ia viver. Salas Ina se acovarda e promete entregar a mulher. Izquierdo zomba dele e declara achar a transação muito suspeita, pois se a mulher tivesse real valor, ele não iria entregá-la... E Salas Ina é fuzilado. Chega a vez do ator. Histérico, amedrontado, ele suplica que o poupem, e só recobra uma atitude mais digna quando Izquierdo lhe recorda que, em cena, ele sabia manter a dignidade...

Fuzilado o ator, chega a vez de Ricardo. Este tem consciência do porque de sua morte. Enfrenta-a corajosamente, gritando: «Estou a teu lado, Montserrat». Mas, logo após, chega a vez da jovem mãe, cujos peitos duros de leite reclamam o filhinho que ficou sozinho em casa e morrerá abandonado caso ela não regresse. Ela diz a Montserrat coisas tão simples e tão verdadeiras sobre os filhinhos e o amor que lhes têm, que Montserrat não suporta mais e principia a dizer:

— Bolívar está... escondido... numa quinta... a quinhentos metros da estrada que vai para...

— Não! Agora é tarde para que sejas covarde! Quatro já morreram! Guarda teu segredo!

Elena, a silenciosa índia, foi quem gritou, e logo Montserrat recupera domínio próprio. São fuziladas a jovem mãe e Elena, e Izquierdo se defronta sozinho com Montserrat a quem promete mandar buscar mais seis, e mais seis, e mais seis inocentes até que ele confesse; mas chega outro oficial e conta enfurecido que Bolívar conseguiu fugir mais uma vez, tendo-se reunido aos seus partidários em Puebla.

Montserrat sente-se compensado de seu silêncio assassino, e proclama estar vendo Bolívar ser recebido pelos compatriotas entre flores, na aurora de uma libertação que terio de vir, Izquierdo manda-o matar, urrando de ódio:

— Tudo acabou!

Mas o grito de Montserrat ao partir para o fuzilamento é outro:

— Tudo começa!

Emmanuel Robles, o autor, explicou muito bem que «poderia ter situado o assunto da peça na antiguidade romana, na Espanha de Felipe II, na França da Ocupação etc. O que o fez decidir-se pela época da independência sul-americana foi, simplesmente, o fato de que certos trabalhos sobre a história das jovens repúblicas latinas, realizados paralelamente, já o mantinham na atmosfera».

E prossegue: «Essa crueldade, esses massacres, não pertencem especificamente à época bolivariana, pois há séculos em que por toda a face do globo a mesma dor faz urrar os homens — nas cruzes onde agonizavam os últimos companheiros de Spártaco, nos cavaletes dos Inquisidores do século negro ou nas modernas oficinas de tortura. Compreenda-se que o autor pediu emprestado à história apenas um pretexto, um cenário, um colorido»...

Montserrat teve apenas uma hora para se decidir entre a vida de seis inocentes e a liberdade de um povo. Todos nós, como ele, enfrentamos o mesmo dilema. Apenas, podemos adiar. Podemos não escolher. Até quando? E chegou o dia em que nos fôr concedida apenas uma hora para a tremenda solução, que caminho escolheremos? O caminho do que é, ou o caminho do que precisa ser?